

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
ISABELLA CRISTINA GOMES DE CAMARGOS

FEIRA LIVRE: A IMPORTÂNCIA DE UMA NOVA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO
PARA O MUNICÍPIO DE ARCOS/MG

FORMIGA – MG
2017

ISABELLA CRISTINA GOMES DE CAMARGOS

**FEIRA LIVRE: A IMPORTÂNCIA DE UMA NOVA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO
PARA O MUNICÍPIO DE ARCOS/MG**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo do UNIFOR – MG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.
Orientadora: Ms. Márcia Ordones Lemos Saléh

FORMIGA – MG

2017

C172 Camargos, Isabella Cristina Gomes de.

Feira livre: A importância de uma nova proposta de implantação para o município de Arcos/MG / Isabella Cristina Gomes de Camargos. – 2017.

91 f.

Orientadora: Márcia Ordones Lemos Saléh.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo)-Centro Universitário de Formiga-UNIFOR-MG, Formiga, 2017.

1. Infra-estrutura. 2. Implantação. 3. Feira-livre. I. Título.

CDD 720

Isabella Cristina Gomes de Camargos

FEIRA LIVRE: A IMPORTÂNCIA DE UMA NOVA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO
PARA O MUNICÍPIO DE ARCOS/MG

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo do UNIFOR – MG, como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Márcia Ordones Lemos Saléh

Orientadora

Prof.^a Ms. Márcia Helena Ferreira

UNIFOR - MG

Formiga, 12 de junho de 2017.

*Trabalho dedicado aos meus pais Márcia e
Camargos, e a minha irmã Bárbara.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por conceder-me o dom da vida e iluminar sempre o meu caminho. Chegar até aqui não foi nada fácil, a caminhada foi árdua, os obstáculos foram muitos, mas cada passo desta jornada foi determinado por Ele.

Agradeço e dedico este, e bem como todas as outras minhas conquistas, aos meus amados pais Márcia e Camargos, pelo amor, apoio incondicional, me incentivando nos momentos mais difíceis e de desistência, pessoas únicas, que sempre investiram na minha educação, caráter e formação profissional, me proporcionando o melhor, e que ficaram na expectativa e nunca mediram esforços para que eu concretizasse o meu tão sonhado objetivo: “Ser uma Arquiteta e Urbanista”.

Como não agradecer à minha irmã Bárbara, exemplo de serenidade, paciência, inteligência e carinho, pessoa que sempre estava disposta a me ajudar e a encarar os mais diversos empecilhos da vida e sempre me auxiliando no que fosse necessário.

Aos meus familiares e amigos, que sempre torceram pela minha vitória e sucesso, meu obrigada. Na oportunidade, agradeço também à minha orientadora Márcia Saléh, por toda sua atenção, dedicação, sabedoria e esforço para que eu pudesse dar o meu melhor, ter confiança e segurança na realização deste trabalho.

Agradeço também, aos amigos de curso e profissão conquistados durante estes cinco anos de aprendizagem, apuros e cumplicidade, pessoas que estavam sempre comigo, me auxiliando e compartilhando sempre boas lembranças e que jamais esquecerei. Acredito que este momento, seja uns dos mais importantes de nossas vidas, o mesmo sonho nos uniu, e por fim.... Lutamos e vencemos!!!

Agora inicia-se uma nova etapa...Novos sonhos, novos objetivos, novas metas... E a todos vocês que sempre estiveram do meu lado, torcendo pelo meu sucesso, dedico o meu sincero: “Muito Obrigada”!

“Quando temos um grande sonho, nenhum obstáculo é grande demais para ser superado.”

(Augusto Cury)

RESUMO

O presente trabalho consubstancia-se em estudos históricos referentes à Feira Livre de Arcos, e sobretudo sobre a sua atual implantação no contexto urbano arcoense. Através de visitas *in loco* e diagnósticos realizados, foram obtidos resultados que demonstram a importância de realocação e/ou concepção de um projeto arquitetônico e urbanístico para a mesma. O local atual da Feira Livre é desprovido de infraestrutura construtiva que atenda às necessidades dos feirantes e usufruidores, está locado em meio a duas avenidas arteriais de trânsito rápido, mas especificamente sobre uma canalização, e entre outros. Com esta visão, a proposta projetual abordada ao longo deste, objetiva arquitetar em uma área próxima da atual implantação da Feira Livre, um espaço propício para a mesma, e que ofereça aos feirantes e clientes, um ambiente adequado para seus trabalhos, flexibilidade nos horários, carga e descarga eficiente, segurança, possibilidades de integração com antigo espaço e entre outras. As ferramentas utilizadas para a realização deste, fundamentam-se em visitas *in loco*, diagnósticos, instruções legislativas, estudos bibliográficos, obras análogas e entre outras. Através destas análises, verificou-se a importância da Feira Livre de Arcos não somente como um espaço de relações comerciais, mas também, como um ambiente de integração social, cultural, inclusivo, além de ser um local de entretenimento e lazer, sendo este último, um aspecto falho no município arcoense.

Palavras-chave: Infraestrutura. Implantação. Feira livre.

ABSTRACT

The present work is within an on historical studies about the Free Fair of Arcos, and especially on its current implantation in the urban context arcoense. Through visits and diagnoses on site, it was obtained results that demonstrate the importance of reallocation and/or conception one of architectural and urbanistic one project for the same. The current location of the Free Fair is absent of the constructive infrastructure that attends the needs of marketers and users, and is located in the middle of two arterial avenues of fast transit, specifically on a channel, and among others. With this vision, the project objective is to create in an area near the Free Fair, a space propitious to the same, and that offers marketer and clients a suitable environment for their work, flexibility, efficient loading and unloading, security, integration possibilities with old space and among others. The tools used to perform this work, are based on on-site visits, diagnoses, legislative instructions, bibliographic studies, analogous works and others. Through these analyzes, it was verified the importance of the Free Fair of Arcos not only as a space from commercial relations, but also as an space of social integration, cultural, inclusive, besides being a place of entertainment and leisure, being the last, one flawed aspect at the municipal

Keywords: Infrastructure. Implantation. Leisure space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Feira Livre na Praça da Matriz – Meados de 1.999	36
Figura 2: Estudo das condicionantes referentes a atual implantação da Feira Livre de Arcos.....	36
Figura 3: Quiosque com produtos hortifrutigranjeiros	38
Figura 4: Um dos alimentos comercializados na Feira Livre.....	38
Figura 5: Estrutura da Feira Livre de Arcos.....	39
Figura 6: Entorno da Feira Livre de Arcos em funcionamento	39
Figura 7: Fechamento de parte da via arterial	40
Figura 8: Cobertura da atual Feira Livre.....	41
Figura 9: Vista aérea do Mercado Central – Parque Raul Soares em 1946	43
Figura 10: Implantação do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente	44
Figura 11: Planta Baixa – Mercado Central de Belo Horizonte.....	45
Figura 12: Fachada do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente	46
Figura 13: Mercado Público de Porto Alegre – Século XIX	47
Figura 14: Mercado Público de Porto Alegre atualmente	48
Figura 15: Instalação da cobertura.....	49
Figura 16: Implantação do Mercado Público de Porto Alegre.....	49
Figura 17: Planta Baixa - Térreo	50
Figura 18: Pavimento térreo e projeção do segundo piso	51
Figura 19: Planta Baixa Mezanino.....	52
Figura 20: Implantação do Mercado Público de Blumenau (Proposta)	53
Figura 21: Planta baixa do Térreo e seguidamente do Mezanino.....	54
Figura 22: Fachada principal do Mercado Público de Blumenau	55
Figura 23: Interior do Mercado Público de Blumenau (Proposta)	55
Figura 24: Uma das fachadas do Mercado Público de Blumenau	56
Figura 25: Projeto do <i>Covent Garden Market</i> por <i>Charles Fowler</i> (Meados de 1830).....	57
Figura 26: Vista aérea <i>Covent Garden Market</i> em 1953	58
Figura 27: Implantação do <i>Covent Garden Market</i>	58
Figura 28: Planta baixa do <i>Covent Garden Market</i> (Meados de 1830)	59
Figura 29: Setorização do <i>Covent Garden Market</i> – Nível principal	60
Figura 30: Setorização do <i>Covent Garden Market</i> – Nível Mezanino	60

Figura 31: Vista aérea <i>Covent Garden Market</i> atualmente.....	61
Figura 32: Avenida Olinto Fonseca – Década de 1960	64
Figura 33: Centro de Arcos – Década de 1970	64
Figura 34: Localização do município de Arcos	65
Figura 35: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo atualmente	66
Figura 36: Localização do terreno (proposto para a Feira Livre) em estudo no município de Arcos/MG	67
Figura 37: Vista frontal do terreno	68
Figura 38: Zona Norte	69
Figura 39: Zona Leste	69
Figura 40: Zona Sul.....	70
Figura 41: Zona Oeste	71
Figura 42: Mapa das condicionantes climáticas do terreno em estudo.....	73
Figura 43: Mapa de Hidrografia e de Drenagem	74
Figura 44: Mapa de cheios e vazios	74
Figura 45: Mapa de Áreas Verdes.....	75
Figura 46: Mapa do uso do solo	76
Figura 47: Mapa de Hierarquia Viária.....	77
Figura 48: Mapa de Equipamentos Urbanos	78
Figura 49: Mapa de Mobiliário Urbano	78
Figura 50: Mapa de gabaritos	79
Figura 51: Organograma da Feira Livre	82
Figura 52: Fluxograma da Feira Livre de Arcos.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cronograma de Atividades – Parte I-Fundamentação	20
Quadro 2: Cronograma de Atividades – Parte II-Proposição	20
Quadro 3: Relação tempo gasto entre as principais áreas em estudo.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.c.: Antes de Cristo

ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária

Art.: Artigo

CNNPA: Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos

CPTEC: Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos

CSN: Companhia Siderúrgica Nacional

DML: Depósito de Material de Limpeza

FIG: Figura

GLP: Gás Liquefeito de Petróleo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

INPE: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IT: Instruções Técnicas

MANAP: Macrozona de Adensamento Não Prioritário

NBR: Norma Brasileira

PIB: Produto Interno Bruto

RDC: Resolução da Diretoria Colegiada

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Tema e Problema.....	16
1.1.1 Tema	16
1.1.2 Problema	16
1.2 Justificativa	17
1.3 Objetivos.....	17
1.3.1 Objetivos Gerais	17
1.3.2. Objetivos Específicos	18
1.4. Metodologia	18
1.5 Cronograma de Atividades.....	19
2. REVISÃO TEÓRICA E HISTÓRICA DO TEMA.....	21
2.1 As intervenções e Revitalizações Urbanas	21
2.2 A importância dos espaços públicos de lazer.....	23
2.3 Feiras Livres	26
2.4 As Feiras Livres como criação de imagem e identidade urbana.....	28
2.5 Leis específicas para a implantação da Feira Livre de Arcos/MG	30
2.5.1 Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR e Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros/MG.....	31
2.5.2 Normalizações referentes a Vigilância Sanitária	32
2.5.3 Legislações Municipais.....	33
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	35
3.1 A origem da Feira Livre de Arcos	35
3.2 A atual Feira Livre	37
3.3 Feira Livre de Arcos: A importância de um novo espaço.....	40
3.3.1 Um novo uso para a antiga cobertura.....	41
4. LEITURAS DE OBRAS ANÁLOGAS	43

4.1	Mercado Central de Belo Horizonte	43
4.2	Mercado Público de Porto Alegre	47
4.3	Mercado Público de Blumenau.....	53
4.4	<i>Covent Garden Market – London in England</i>	57
5.	DIAGNÓSTICO DO SÍTIO E DA REGIÃO.....	63
5.1	História de Arcos.....	63
5.1.1	Dados socioeconômicos e culturais.....	65
5.1.2	A economia do município	66
5.2	Diagnóstico do terreno e seu entorno.....	67
5.3	Estudo de Mapas-síntese.....	72
5.3.1	Mapa de Condições Bioclimáticas	72
5.3.2	Mapa de Hidrografia e Drenagem.....	73
5.3.3	Mapa de Cheios e Vazios	74
5.3.4	Mapa de Áreas Verdes	75
5.3.5	Mapa de Uso do Solo	76
5.3.6	Mapa de Hierarquia Viária	76
5.3.7	Mapa de Equipamentos Urbanos.....	77
5.3.8	Mapa de Mobiliário Urbano.....	78
5.3.9	Mapa de Gabaritos	79
6.	PROPOSTA PROJETUAL	80
6.1	Programa de necessidades.....	80
6.2	Organograma da Feira Livre	82
6.3	Fluxograma da Feira Livre de Arcos	83
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo serão elucidados e introduzidos, o porquê da escolha do referido tema, os problemas referentes a Feira Livre de Arcos conjuntamente com suas condicionantes, a justificativa do tema em questão, os objetivos gerais e específicos do projeto, o cronograma de atividades, além de explicar a importância e a historicidade da Feira Livre no cenário arcoense.

Primeiramente justificou-se a importância do tema do trabalho em relação ao contexto urbano e social arcoense, exemplificando os principais empecilhos enfrentados pela atual Feira Livre de Arcos e conseguintemente justificando-os e esclarecendo o porquê da necessidade de intervenção e concepção da mesma em outra área. Por conseguinte, foram abordados os preceitos legislativos, construtivos e urbanísticos referentes a tipologia em estudo, além dos benefícios ocasionados com a edificação de um espaço propício para a mesma.

Seguidamente, na etapa de revisão bibliográfica, foram explanados tópicos referentes ao tema proposto, sendo estes consubstanciados em conceitos científicos de diversos profissionais, e que referenciam com a proposta de criação e/ou realocação da Feira Livre de Arcos. Posteriormente, contextualizou-se historicamente a trajetória da Feira Livre no cenário arcoense, e através de visitas *in loco* e diagnósticos, explicou-se os atuais problemas enfrentado pela mesma.

Logo após, foram apontadas obras análogas similares a proposta projetual da Feira Livre, considerando nestas, aspectos sociais, construtivos, legislativos e urbanísticos que se tornaram um embasamento construtivo para o futuro projeto da Feira Livre.

Foi descrita a historicidade e economia do município arcoense, analisando posteriormente o terreno proposto para a elaboração do projeto, seu entorno e as condicionantes externas do mesmo, objetivando um estudo mais completo, foram inseridos mapas explicativos sobre as condicionantes da área em estudo e exemplificou-se o programa de necessidades a ser adotado no projeto e o fluxograma e organograma do mesmo.

1.1 Tema e Problema

1.1.1 Tema

- “Feira Livre: A importância de uma nova proposta de implantação para o município de Arcos/MG”.

O tema proposto consubstancia-se em estudos¹ sobre a atual Feira Livre de Arcos, consequentemente com a análise das referidas condicionantes e fundamentando-se de modo especial nos preceitos sociais, conceitos arquitetônicos e urbanísticos, objetiva-se propor em uma localização próxima da atual implantação da Feira Livre, o planejamento e a idealização de um projeto arquitetônico, urbanístico e estrutural propício a tipologia em estudo, e que atenda sobretudo questões normativas e proporcione aos feirantes condições imprescindíveis e adequadas de trabalho, flexibilidade nos horários e entre outros, além de possibilitar a população arcoense um espaço para encontros sociais, integração social, além de favorecer o lazer e o entretenimento no município e na sociedade em si.

1.1.2 Problema

Os problemas aqui relatados, referem-se a infraestrutura propiciada pela atual Feira Livre de Arcos, a mesma já foi sitiada em diversos outros locais do município, e atualmente está localizada e funcionando na Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho II, implantada em uma laje em concreto, sobre a canalização do Córrego Biquinhas, desprovida de determinadas infraestruturas e parâmetros essenciais para esta tipologia construtiva e empreendedora.

O evento funciona abaixo de uma estrutura metálica, que é um espaço cedido pela Prefeitura Municipal de Arcos, nele existe pontos de iluminação artificial, dois banheiros químicos, lixeiras, além das barracas que são estruturadas em material metálico, não obstante, através de análises, verificou-se que existem certos empecilhos, como:

¹ Foram analisados aspectos como a atual implantação da Feira Livre de Arcos, além de pontos construtivos, urbanísticos, estruturais e tanto quanto sociais. Não obstante, estes serão apresentados e exemplificados ao decorrer deste, de modo inclusivo, no capítulo “3 – Contextualização do objeto de estudo”.

- A ausência de canalização de água, sendo esta restrita aos feirantes e clientes;
- Dificuldade na montagem/desmontagens das barracas;
- Devido a Feira Livre está locada em meio a duas avenidas de trânsito rápido, torna-se perigoso a locomoção de transeuntes no local;
- E entre outros, que serão elucidados no capítulo “3 – Contextualização do objeto de estudo”.

1.2 Justificativa

Através de análises e diagnósticos realizados pela autora (verificações estas elucidadas no tópico anterior, Problema ou na parte 3 –Contextualização do objeto de estudo), constatou-se que a Feira Livre de Arcos, é um evento com historicidade no cenário arcoense, provido de identidade, integração social e cultural no município de Arcos, e que necessita de um local exclusivo para sua locação, proporcionando um espaço fixo para o mesmo, condições adequadas para seus trabalhadores e usufruidores, carga e descarga eficiente, segurança e entre outros que serão abordados ao decorrer deste, oferecendo nesta perspectiva, um local de lazer, inclusão e entretenimento para os cidadãos arcoenses, tipologia esta, falha no município.

1.3 Objetivos

Os objetivos, referem-se em um estudo proposto em relação ao tema abordado, não obstante, foram feitas análises e pesquisas *in-loco*, realizadas na atual implantação da Feira Livre de Arcos, além de neste elucidar as propostas e as visões que se almejam alcançar no desenvolvimento deste projeto.

1.3.1 Objetivos Gerais

Apresentar um estudo teórico do tema proposto e um estudo de viabilidades como base para desenvolver um projeto arquitetônico e urbanístico para a construção da Feira Livre no município de Arcos em Minas Gerais.

1.3.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do referente trabalho serão especificados a seguir:

TCC – Fundamentação:

- Realizar um estudo através de pesquisas bibliográficas acerca do tema;
- Abrigar conceitos relacionados a feiras livres, intervenções urbanas, importância dos espaços públicos de lazer, legislações específicas e similares;
 - Justificou-se a importância das Feiras Livres e/ou Mercados Públicos dentro do contexto urbano;
 - Estudo de obras análogas;
 - Levantar dados e análises históricas e atuais sobre Feira Livre de Arcos, além de verificar sua implantação construtiva, e, não obstante, as adversidades encontradas, tomando simultaneamente conhecimento das condicionantes legais para a sua implantação em outra área;
 - Estudar o novo local para implantação da Feira Livre, e sobretudo seu entorno e suas condicionantes, valorizando ainda mais os objetivos da Associação, além de conceber um local que atenda aos parâmetros construtivos e urbanísticos, e propiciando a sociedade e para os usufruidores do local, um espaço de lazer e entretenimento;
 - E entre outras, que serão abordadas ao decorrer deste trabalho.

TCC – Proposição:

- Projetar um espaço de lazer e entretenimento para a população arcoense;
- Propor um projeto arquitetônico para a Feira Livre no município de Arcos, apresentando um parecer que sintetize os estudos realizados nesta etapa.

1.4. Metodologia

A metodologia aplicada no desenvolver deste, consubstancia-se em conversas e pesquisas científicas, tais como: artigos, monografias, dissertações, teses, análises em livros, além de meios virtuais, como portais, prefeituras, órgãos governamentais e públicos, sendo estas realizadas através de meio pessoal, impresso ou eletrônico.

As pesquisas e diagnósticos realizados para o desenvolvimento deste, estão fundamentadas em cotnversas com os feirantes e com representantes da Associação dos Feirantes de Arcos, além do mais, foram realizadas visitas e análises no terreno em estudo, tanto quanto na atual implantação da Feira Livre, além dos pontos mencionado a seguir, buscou-se:

- Conhecer através da Associação dos Feirantes e dos próprios feirantes, a história e a trajetória da Feira Livre no cenário arcoense;
- Analisar e contextualizar os atuais empecilhos enfrentados pela Feira Livre;
- Verificação referente a atual locação da Feira Livre de Arcos;
- Estudo de legislações específicas a tipologia construtiva;
- Realização de diagnósticos e estudos sobre o novo terreno para a implantação da Feira Livre, além da análise das condicionantes e do entorno;
- Estudos e mapeamentos dos espaços, exemplificados posteriormente em mapas.
- E entre outros que serão exemplificados no decorrer deste.

1.5 Cronograma de Atividades

O cronograma de atividades objetiva exemplificar através dos QUADRO 1 e QUADRO 2, a disponibilidade do tempo que será gasto em cada etapa para a realização do projeto, tanto na parte de fundamentação quanto na etapa de proposição, auxiliando deste modo, no controle e desenvolvimento do conteúdo pré-estabelecido.

Quadro 1: Cronograma de Atividades – Parte I-Fundamentação

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES - PRIMEIRO SEMESTRE						
PARTE I - FUNDAMENTAÇÃO						
Atividades	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
Pesquisa / Desenvolvimento documental, legislativo e histórico sobre o município de Arcos - MG.						
Estudo de Obras Análogas.						
Análise e diagnóstico do sítio e região.						
Desenvolvimento do Referencial Teórico.						
Idealização do conteúdo programático.						
Desenvolver da proposta projetual e arquitetônica.						
Finalização, preparação e entrega do projeto de fundamentação.						

Fonte: A autora, 2017.

Quadro 2: Cronograma de Atividades – Parte II-Proposição

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES - SEGUNDO SEMESTRE						
PARTE II - PROPOSIÇÃO						
Atividades	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Revisão de Leis e Normas relacionadas ao projeto.						
Estudo preliminar.						
Anteprojeto.						
Projeto finalizado.						
Desenvolvimento da Maquete Eletrônica.						
Finalização, preparação e entrega do projeto de proposição.						

Fonte: A autora, 2017.

2. REVISÃO TEÓRICA E HISTÓRICA DO TEMA

Serão apresentadas revisões sobre o tema proposto, com o objetivo de conceituar e explicar aspectos relacionados a: intervenções e revitalizações urbanas; importância dos espaços públicos, sobre Feiras Livres relacionando-as a imagem e identidade dentro do contexto urbano e também sobre a importância desses espaços de lazer e comércio no conjunto urbano e social, analisando a sua posição e caracterizando-os desde os tempos antigos até a atualidade.

2.1 As intervenções e Revitalizações Urbanas

Contextualizando a temática de Intervenções Urbanas no campo da Arquitetura e Urbanismo, o conceito designa-se como “programas e projetos que visam à reestruturação, requalificação ou reabilitação funcional e simbólica de regiões ou edificações de uma cidade” (ITAÚ CULTURAL, 2017).

Ainda considerando os preceitos ditos pelo Itaú Cultural (2017), as intervenções buscam uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação, objetivando [em sua maioria], transformações ou reações nos planos físico, intelectual ou sensorial. Não obstante, o mesmo afirma:

“A intervenção se dá, assim, sobre uma realidade preexistente, que possui características e configurações específicas, com o objetivo de retomar, alterar ou acrescentar novos usos, funções e propriedades e promover a apropriação da população daquele determinado espaço. Algumas intervenções urbanísticas são planejadas com o intuito de restauração ou requalificação de espaços públicos, como as conhecidas revitalizações de centros históricos, outras objetivam transformações nas dinâmicas socioespaciais, redefinindo funções e projetando novos atributos” (ITAÚ CULTURAL, 2017).

Neste raciocínio, Januzzi e Razente (2007) afirmam a existência dos diferentes tipos de intervenções urbanas, nos quais estas apresentam novos tipos de produção do espaço urbano, com uma diversidade de resultados. Os autores ainda asseguram que trabalhos que abordem os conceitos de intervenções urbanas, devem estar fundamentados em objetivos amplos e na descrição dos problemas de infraestrutura, considerando conjuntamente a malha urbana existente, discriminando as edificações a serem preservadas, e inserindo nos futuros projetos, atividades como lazer, comércio,

serviços, turismo, cultura, habitação e outras; princípios estes, reiterados por Vargas e Castilho (2006, p. 3):

Intervir no centro urbanos pressupõe avaliar sua herança histórica e patrimonial, seu caráter funcional e sua posição relativa na estrutura urbana, mas, principalmente, precisar o porquê de se fazer necessária a intervenção. Essa ideia de intervenção sustenta-se na identificação de um claro processo de deterioração urbana que pode ser entendido por analogia aos termos provenientes das ciências biológicas. Intervenção e cirurgia são sinônimos, e o organismo submete-se a uma intervenção basicamente em três situações: para a recuperação da saúde ou manutenção da vida; para a reparação de danos causados por acidentes, e mais recentemente, para atender às exigências dos padrões estéticos (VARGAS; CASTILHO, 2006, p. 3).

Sendo assim, Januzzi e Razente (2007, p. 154), referem-se que as revitalizações urbanas se induzem como uma nova postura de intervenção, objetivando “conceder vitalidade às áreas através de um conjunto de ações, considerando conjuntamente questões econômicas, sociais, funcionais e ambientais”, assim, o modelo de intervenção a ser adotado no projeto, busca “dar uma nova vida as áreas das cidades através de um conjunto de ações que considera a situação do espaço existente e as relações humanas e econômicas que os envolvem”.

Com a análise dos conceitos dos autores mencionados, verifica-se que as intervenções urbanas implicam em mudanças, sejam estas rotineiras, culturais, ambientais, sociais e entre outras. Entretanto, quando o estudo do projeto² e de suas condicionantes e variáveis são falhas, a intervenção e/ou revitalização ficará prejudicada e não acatará os seus objetivos propostos teoricamente, em contrapartida, Januzzi e Razente (2007, p. 148) alegam que “uma intervenção urbana bem estruturada pode ter impacto no crescimento socioeconômico da cidade ou de uma região”.

Já segundo Portas (1998), os projetos de revitalizações urbanas, objetivam-se a renovação e/ou ampliações de espaços coletivos com infraestrutura e embelezamento, tanto quanto transformações em com conexões, redes e interfaces, revitalizações de atividades urbanas, fundação de novos espaços centrais, instalação de parques temáticos e sistemas ambientais. Entretanto, em muitas ocasiões, as

² Estudo do projeto, refere-se em estudar e diagnosticar o local que passará por intervenções urbanas, e sobretudo analisar seu entorno conjuntamente com suas condicionantes, não obstante, a observação de pontos culturais, sociais, ambientais e entre outros, tornam-se instrumentos fundamentais para a correta concepção do projeto (neste caso) arquitetônico e urbanístico, e para que este, finalizado, se harmonize com o entorno e interaja com a população usufruidora.

propostas podem estar relacionadas a decisões públicas setoriais (negociações institucionais), eventos únicos, catástrofes, e/ou iniciativas de investimentos privados (contratação de parcerias) e a programas integrados municipais.

Preceitos estes, reafirmados por Januzzi e Rezente (2007, p. 154), que elucidam que somente através de estudos, verifica-se que para as revitalizações, deve-se haver a existência de um bom planejamento (detalhado), considerando as condicionantes locais, como “o entorno, o ambiente existente, estudos de ocupação, criação de agentes catalisadores e de uma boa imagem, gestão contínua e participação de várias esferas”, e os mesmos salientam que para projetos desta tipologia, não existe uma regra geral para a realização de uma intervenção e que cada situação irá exigir um estudo propício, tendo em vista os fins e propósitos que se objetiva alcançar.

Com todo este contexto, explicações e segundo as afirmativas de Silva (2014), atualmente as cidades possuem várias centralidades, concentrando assim uma grande quantidade de pessoas e veículos, e cada área é qualificada por uma tipologia de atividade, seja comercial, financeiro, cultural, histórico e diversos outros, com estas caracterizações acabam criando pontos [na maioria das vezes] com altos fluxos de pessoas, veículos automotores, mercadorias e outros, tirando o foco de outras áreas propícias para esta e/ou determinadas atividades e sobrecarregando outras que já não atendem as expectativas propostas, nesta contextualização, as intervenções urbanas vem como uma forma de planejamento e estruturação do espaço urbano, melhorando a funcionalidade do local e do entorno, analisando e diagnosticando as situações a serem enfrentados por esta área, a exemplo, num futuro próximo.

2.2 A importância dos espaços públicos de lazer

Conceituando a temática de espaços públicos, e considerando a opinião do Arquiteto e Urbanista Castro (2013), este contexto refere-se aos lugares urbanos, que juntamente com as infraestruturas, equipamentos coletivos e outros, dão suporte e originalidade as ruas, parques, praças e diversos outros elementos, locais estes, preenchidos de significados, palco de disputas e conflitos, e ao mesmo tempo, um instrumento de festas e celebrações. Ainda neste mesmo raciocínio, o autor afirma que os sentidos públicos e privados se interpenetram, já que o domínio privado, seria representado pelas pessoas, famílias, grupos, empresas, corporações e demais.

Não obstante, e fundamentando-se nos preceitos estabelecidos em lei, o Advogado Puime (2014), contextualiza o termo “espaço público”, como um local de uso comum e posse de todos, onde atividades coletivas são desenvolvidas, além do convívio direto entre diversos grupos, denominados então de sociedade urbana. Nesta lógica, Puime (2014) afirma que os espaços públicos são divididos e classificados em duas tipologias, e ainda ressalta a diferença entre o domínio privado, sendo:

Os espaços públicos livres (em que é pleno o direito de ir e vir) definidos de circulação (ruas e avenidas) espaços de lazer e conservação (praças, praias e parques).

[...] os espaços públicos com restrição ao acesso e à circulação, nestes a presença é controlada e restrita a determinadas pessoas, como os edifícios públicos (Prefeituras, Fóruns, residências oficiais de governantes), instituições de ensino, hospitais, entre outros.

[...] os espaços privados são de propriedade privada (pessoas ou empresas), ou seja, casas, lojas comerciais, escolas particulares, Shopping Centers. Os responsáveis pela manutenção e preservação locais são os proprietários. (PUIME, 2014)

Entretanto, Fernandes³ (2012), diz que a contextualização do termo “espaços públicos”, vêm ganhando variedades ao longo do tempo, comparando a exemplo, ao passado, quando estes assumiam pontos essenciais na vida social e política, ao presente, onde suas funções recaem em componentes associados ao lazer e ao ócio, muitas vezes com um consumo subjacente, seja cultural, desportivo ou alimentar, e o mesmo ainda ressalta que diversos autores, em contextos temporais e geográficos distintos consolidaram definições que foram diferindo entre si, afirmando sucessivamente que numa perspectiva tradicional, tem-se o espaço público como um espaço aberto urbano livre que juntamente com o espaço privado, interior ou arquitetônico, forma um todo numa relação de complementaridade, argumentos estes, que podem ser complementados com a *Project for Public Spaces* (2010), sendo:

Os lugares públicos são um palco para a nossa vida pública. Eles são os parques onde as celebrações são realizadas, onde as maratonas terminam, onde as crianças aprendem as habilidades de um desporto, onde as estações são marcadas e onde as culturas se misturam. Estes lugares são as ruas e calçadas na frente de residências e empresas, onde os amigos vão ao encontro uns dos outros e onde as trocas sociais e económicas ocorrem. São os espaços públicos que dão identidade às cidades e sem bons espaços públicos, não poderão haver grandes cidades (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2010).

³ FERNANDES. A.C.T.D. Mestre em Engenharia Civil – Especialização em Planejamento.

Nesta dimensão, observa-se que o lazer é algo extremamente importante no contexto urbano e social, além de ser um instrumento de direito a todos os cidadãos, conforme a Constituição (1988), que determina em seu Art. 6º, Capítulo II, referente a Direitos Sociais, que neste ressalta que assim como o trabalho, saúde e entre outras particularidades, o lazer é algo fundamental e de direito para o ser humano.

“Todavia, o homem necessita de um lugar, em que deva estar envolvido com as esferas da vida e aspectos sociais, culturais e ambientais. Deste modo, o homem necessita interpretar o ambiente por meio da busca de referências e orientações que contribuem para a construção da percepção do frequentador sobre o espaço (SILVA et al, 2012).

E nestes preceitos, Silva et al (2012, p. 13), afirma que “o lazer é uma conquista e não é reduzido a estratégias políticas e econômicas, sendo um fenômeno que busca uma valorização de lugar, de cultura e desenvolvimento”, os mesmos ainda referenciam o entendimento dos autores Elias e Dunning (1992), sendo:

No entendimento de Elias e Dunning (1992), uma das características que possibilitam ao lazer satisfazer a necessidade de experimentar as emoções, sem se preocupar ou nem colocar em risco a organização social, é denominada elementos de lazer, em que se insere a sociabilidade, mobilidade e imaginação. Assim, para que essas emoções possam estar presentes nas atividades de lazer, é necessário um lugar para tais vivências. De fato, a relação entre as pessoas e os lugares caracteriza-se pelas possibilidades de experiências que o espaço possa oferecer aos seus frequentadores. (ELIAS; DUNNING⁴, 1992 apud SILVA et al 2012, p. 13).

Baseando-se nos conceitos, Silva et al (2012, p. 15), estes elucidam que através da disponibilidade e o acesso aos espaços de lazer, estes trazem consigo a possibilidade de novas relações sociais, e que quanto mais amplo for o rol de experiências positivas que o lugar possa estar oferecendo, maior será o índice de utilizadores, assim, verifica se que os espaços de lazer levam consigo a capacidade de “gerar relações individuais e coletivas, proporcionando bem estar, benefícios à saúde [física e mental], qualidade de vida e convivência entre os habitantes da cidade”.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Diefel, 1992. 328p.

2.3 Feiras Livres

Desde os tempos antigos, as Feiras Livres objetivavam a promoção de trocas de mercadorias entre as pessoas de diferentes lugares, pretendendo suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo (BOECHAT; SANTOS, 2009).

As origens das Feiras Livres remontam desde o período da Antiguidade, entretanto, algumas fontes descrevem que esta prática de comercialização de produtos, é oriunda desde a época dos povos Astecas, Gregos e Romanos (ALMEIDA, 2009). Deste modo, e de acordo com Lima e Sampaio (2008), as feiras livres remontam ao período que o homem deixa de ser nômade e passa a fixar-se na terra, e a partir destes fatos, surge a necessidade de trocas relacionadas a sua produção excedente.

A despeito, e considerando as afirmações de Lima e Sampaio (2008), existem registro de comércios dessa natureza datados desde 2000 a.c., e conforme escritos bíblicos, um dos documentos mais antigos e que faz referência a esta tipologia de atividade comercial.

Neste raciocínio, as feiras são caracterizadas como fenômenos econômicos, educacionais, e socioculturais presentes desde a cultura dos povos antigos; “a partir da revolução comercial (séc. XI), as feiras adquirem notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos” (ALMEIDA, 2009, p. 22).

Assim, a oficialização das feiras livres, ocorre durante o período da Idade Média, quando em Roma, estabeleceu-se as regras de criação e funcionamento das mesmas, no qual dependiam da intervenção e garantia do Estado, que neste cenário atuava como disciplinador, fiscalizador e cobrador de impostos (ALMEIDA, 2009).

Neste mesmo raciocínio, Boechat e Santos (2009) afirmam:

Com o passar do tempo e através da produção excedente e da necessidade de outros produtos não produzidos, se iniciou o processo de trocas de produtos. Esta atividade de troca é tão antiga como a própria história do homem, e com o seu crescimento, surge o comerciante, iniciando então a divisão social do trabalho. A feira exerceu papel importante na implantação do dinheiro, na manutenção do capitalismo e no surgimento das cidades. Esta atividade comercial começou itinerante, mas com o passar do tempo começou a surgir uma necessidade natural de um local que promovesse a opção de todos os produtos, e que estivessem disponíveis para trocas e comércio” (BOECHAT; SANTOS, 2009, p.3).

Relacionado as afirmativas de Lima e Sampaio (2008, p. 6), “as feiras livres atravessaram os tempos, adaptando-se a cada sociedade, tipos de economias, sobrevivendo a entraves como poderio centralizador, limitações para sua efetividade, entre outros”. Ainda segundo os autores, no Brasil, evidencia-se o surgimento das primeiras feiras livres durante os tempos da colonização, sendo estas trazidas e implantadas pelas tradições culturais ibéricas⁵:

Nesse contexto afirma-se que as feiras medievais portuguesas, cuja periodicidade chegava a ser até semestral ou anual devido à intensa e rigorosa preparação que exigiam, refletiram na organização das feiras brasileiras” (LIMA; SAMPAIO, 2008).

Apesar da modernidade as feiras livres ainda continuam resistentes e ativas no mercado, sendo que em muitos municípios do interior brasileiro, as feiras livres se tornam o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento, “constituindo uma modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública” (LIMA E CÂMARA, 2008, p. 2).

Com este conceito, Lima e Câmara (2008) fazem uma relação entre as feiras livres e a sua importância dentro do contexto cultural e social de um determinado local, influenciando assim na formação sociocultural dos indivíduos da sociedade, conceito este exemplificado posteriormente:

A importância das feiras livres para a formação sociocultural dos indivíduos da sociedade e latente, até mesmo no contexto das classes sociais, as feiras estão ligadas, sendo mais claro isso que existem feiras livres nos interiores do Brasil, e há “feiras livres” “mais sofisticadas, ex: bienais; exposições de animais, etc, onde o princípio básico é o comércio” (LIMA; CÂMARA, 2008, p. 2).

Contextualização esta explanada também pelas autoras Boechat e Santos (2009, p. 2), no qual afirmam que desde o surgimento das feiras livres, estes locais se constituem como “espaços de relações econômicas, sociais e culturais, tornado um lugar de construção de espaços de identidade, relacionados intimamente com todos os seus agentes participativos”.

⁵ Ibéricas: Referente a Península Ibérica, região localizada no Sudoeste do Continente Europeu, respectivamente aos países de Portugal e Espanha.

Atualmente, as feiras possuem uma variedade de produtos disponíveis, contando desde itens mais sofisticados, até pequenas coisas que classes mais necessitadas precisam. “As feiras são a maior e mais completa representação de mercado e até hoje constituem um ponto de encontro entre compradores e vendedores” (BOECHAT; SANTOS, 2009, p. 4).

2.4 As Feiras Livres como criação de imagem e identidade urbana

Segundo o urbanista Lynch (2011), em sua obra “A imagem da cidade”, este elucida que entre os inúmeros papéis que a paisagem [imagem] urbana desenvolve, esta também é algo sempre visto e lembrado, sendo “um conjunto de elementos do qual esperamos que nos dê prazer”, conceito este que pode ser complementado com a argumentativa da autora Cunha (2014, p. 20), que afirma que “a cada espaço edificado, nele é atribuído particularidades que o definem como um elemento urbano, originando um conceito de imagem e identidade que o classifique”.

O autor ainda ressalta que uma cidade é composta por elementos móveis (pessoas e suas atividades) e físicas estacionárias, e que a população é mais do que meros observadores deste espetáculo, estas fazem parte de todo este contexto urbano, “e que todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles” (LYNCH, 2011, p. 2).

Ao contextualizar o cenário urbano das Feiras Livres atualmente, os autores Boechat e Santos (2009, p. 2), ao referenciar uma feira instalada dentro de um cenário urbano, afirmam que esta “constitui um espaço que se caracteriza através de uma função social que muda a organização espacial urbana, e que, atualmente, representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista”, sendo assim, os mesmos asseguram que as feiras, são espaços com muita especialidade, que aliam sons, movimentos, cores e personagens, e que simultaneamente interagem com seu histórico e suas relações de identidade, o que conseqüentemente leva-nos a pensar “como seria uma cidade sem este ícone da história local e de sentimento de pertencimento”.

Nesta lógica Lynch (2011, p. 4) afirma que “um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social” a exemplo, uma feira livre, e destaca que “uma boa imagem ambiental oferece ao seu

possuidor um importante sentimento de segurança emocional”, enfatizando este, o seguinte:

Sem dúvida, a imagem clara nos permite uma locomoção mais fácil e rápida: encontrar a casa de um amigo, um policial ou um armarinho. Contudo, um ambiente ordenado pode fazer mais do que isso; pode servir como um vasto sistema de referências, um organizador da atividade, da crença ou do conhecimento.

[...] portanto, uma imagem clara do entorno constitui uma base valiosa para o desenvolvimento individual (KEVIN LYNCH, 2011, p. 4).

As feiras livres se constituem em um local de trocas não só econômicas, mas de saberes, onde as pessoas envolvidas indiretamente enriquecem seu capital cultural, através de aprendizagens, somando e adquirindo novas experiências em relação ao próximo, neste íterim, ocorre a troca de saberes e conhecimentos entre clientes e feirantes, “cada um com sua bagagem individual de seu mundo de origem e vivência” (BOECHAT E SANTOS, 2009, p. 9).

Acrescentando às afirmativas acima, Lynch (1959), referencia que uma cidade não deve ser pensada isoladamente, deve-se levar em consideração todos os seus componentes e a questão da imagem e identidade a ser repassada, sendo:

Se temos o objetivo de construir cidades para o desfrute de um imenso número de pessoas de formação e experiência extremamente diversas – e cidades que também sejam adaptáveis a objetivos futuros –, e devemos ter também a sabedoria de nos concentrar na clareza física da imagem e permitir que o significado se desenvolva sem nossa orientação direta (LYNCH, 2011, p. 10).

Assim, “a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes”, e que a coerência relacionando o aspecto de imagem, pode manifestar-se de diversas maneiras, um objeto real, pode estar desordenado e não digno de nota, mas mesmo assim será adquirida uma imagem e identidade mental em relação a este (LYNCH, 2011, p. 7).

A cidade não está construída apenas para um indivíduo, mas para grandes quantidades de pessoas, com antecedentes altamente variados, com temperamentos diversos, de diferentes classes, de diferentes ocupações. As nossas análises indicam uma variação substancial no modo como as pessoas organizam a cidade, de que elementos elas mais dependem, de que forma as qualidades são mais ao seu gosto. O planejador deve, por isto, conseguir uma cidade tanto quanto possível rica em vias, cruzamentos, limites, elementos marcantes e bairros, uma cidade onde apareça não só uma ou duas qualidades de forma, mas todas elas. Se assim for, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo

individual de olhar para o mundo. Enquanto um deles pode reconhecer uma rua com base no seu pavimento, outro pode lembrar-se de uma curva e um terceiro terá descoberto elementos marcantes de menor importância, ao longo da mesma rua (LYNCH, 2011, p. 123).

Ainda de acordo com Kevin Lynch (2011, p. 128), o autor afirma que “qualquer área urbana funcional tem uma estrutura e identidade, mesmo que seja em muito pequena escala”, e ainda ressaltando que “quase sempre uma imagem potencialmente forte está escondida na própria situação”, e o mesmo exalta: que um dos empecilhos frequentes, é a reformulação de um ambiente já existente, e que “descobrir e conservar as suas imagens fortes, resolver as suas dificuldades de percepção e sobretudo desenhar a estrutura e identidade latentes na confusão”.

Com este nexos, Boechat e Santos (2009, p. 10), exemplificam e esclarecem a importância da feira livre dentro de um contexto urbano e social:

As relações de identidade entre os participantes variam de acordo com cada indivíduo, alguns vão exclusivamente ou tradicionalmente comprar, outros se divertem, passeiam, encontram, e vários outros interesses que cabem perfeitamente no contexto da feira, em virtude desta ser um local diversificado humanamente, e sujeito às variadas sociabilidades, as quais promovem as enriquecedoras trocas de saberes (BOECHAT; SANTOS, 2009, p. 10).

Visto, as feiras livres possuem uma atenção menor quando comparadas ao movimento econômico [e social] que promovem, sendo que as mesmas geram ocupações de renda e identidade regional, geralmente estas se expandem ao invés de se reduzirem, “pois alimentam essa cultura territorializada que passa a se tornar um espaço de manifestação de identidade” (BOECHAT; SANTOS, 2007, p. 7).

Com os conceitos mencionados anteriormente, através dos autores Lynch, Boechat e Santos, é notável a importância deste tipo de estabelecimento dentro de um contexto urbano e social, não somente como um local de transações comerciais, mas que desempenha relações sociais, entretenimento e diretamente contribui para a criação e reforço de referências, identidade e imagem de um município.

2.5 Leis específicas para a implantação da Feira Livre de Arcos/MG

Para a correta concepção arquitetônica, estrutural e urbanística da segunda etapa deste projeto - Parte de Proposição, foram necessárias pesquisas e aplicações

de determinadas legislações e normas referentes a escolha correta do terreno e sobretudo da almejada tipologia construtiva a ser adotada, sendo estas:

2.5.1 Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR e Instruções Técnicas do Corpo de Bombeiros/MG

- **NBR 9050: 2015 – Acessibilidade à edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**

A NBR 9050/2015, refere-se aos preceitos de “acessibilidade, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos” nas edificações, seja esta na parte projetual, construtiva, de instalações ou adaptações de espaços, é uma normalização que deve ser acatada em todas as tipologias construtivas. Neste são abordados pontos referentes a inclinações de rampas, materialidades necessárias, fluxos, mobiliários adequados e diversos outros. A acessibilidade é um dos princípios que deve ser utilizado na concepção arquitetônica da Feira Livre de Arcos, por este ser um local público e que objetiva atender pessoas de diversas idades e biótipos.

- **NBR 9077: 2001 e IT 08 – Saídas de emergência em edifícios**

Ambas são normalizações similares, referentes a “saídas de emergências em edifícios”, são legislações que devem ser utilizadas em determinadas tipologias construtivas. No caso da Feira Livre de Arcos, os princípios estabelecidos por esta legislação, deverão ser acatados no arquitetar do projeto, pois é um ambiente relativamente amplo, e que indiretamente apresenta e trabalha com determinados gases, equipamentos elétricos, possui um grande índice de transeuntes e entre outras condicionantes, e nesta tipologia, as saídas de emergências e similares são pontos indispensáveis e obrigatórios no próprio estabelecimento, o local deve possuir equipamentos e instruções referentes à saídas de emergência e análogas, objetivando prevenir e minimizar possíveis incidentes.

- **IT 02 – Terminologia de Proteção contra Incêndio e Pânico**

Diretrizes referentes a “proteção contra Incêndio e pânico” devem ser utilizadas no conceber da Feira Livre, devido a tipologia do projeto, caracterizado por ser um espaço consideravelmente amplo e conseqüentemente abrigar um índice elevado de transeuntes. São medidas indispensáveis e obrigatórias na concepção de um projeto nesta tipologia construtiva, a fim de evitar possíveis imprevistos. Neste são abordados os materiais adequados para situações de risco e incêndio, dimensões ideais para o escoamento rápido de transeuntes e outros. Esta instrução é específica para o estado de Minas Gerais e similar aos preceitos estabelecidos pela NBR 9077/2001.

- **IT 17 – Sistema de Hidrantes e Mangotinhos para combate a incêndio**

Através da IT 17 referente a “sistema de hidrantes e mangotinhos para combate a incêndio”, são explanados os equipamentos necessários para o determinado fim, como calcular a quantidade e os equipamentos adequados para o local, tais como mangueiras, válvulas, além de relacionar a dimensão e localização dos reservatórios de água (para este fim) e entre outros aspectos.

- **NBR 13.523 Central Predial de GLP e IT 23 – Manipulação, armazenamento, comercialização utilização de GLP**

São normalizações similares, estas determinam sucintamente, o melhor local para a instalação da central de gás GLP⁶, as distancias e afastamentos necessários, os tipos de válvulas, botijões, materiais a serem usados na distribuição e edificação do sistema e entre outros.

2.5.2 Normalizações referentes a Vigilância Sanitária

⁶ O gás GLP é o que vai ser utilizado no distribuir da Feira Livre de Arcos.

- **Normas da Vigilância Sanitária – Resolução da Diretoria Colegiada RDC 216/2004 ANVISA⁷ - Regulamento Técnico de boas práticas para serviços de alimentação**

As diretrizes referentes aos preceitos da “Vigilância Sanitária” tornam-se instrumentos fundamentais para o correto planejamento espacial da Feira Livre, por se tratar de um espaço alimentício, as legislações vigentes nas normas, visam os materiais a serem utilizados em ambientes como cozinhas, banheiros, áreas molhadas e demais, objetivando um espaço higienizado, desinfetado, com controle de vetores e similares, o ambiente deve possuir dimensões, aberturas, equipamentos, armazenamentos necessários e adequados e entre outros, objetivando não oferecer risco aos alimentos, contaminação, cruzamento de fluxos e entre outros aspectos, proporcionado aos compradores finais produtos isentos de bactérias, contaminações e outros males.

- **Resolução Comissão Nacional de Normas e Padrões para Alimentos - CNNPA Nº 33/1977**

Segundo a ANVISA (2017), esta resolução estabelece princípios de higiene em relação a obtenção, manipulação, armazenagem, transporte e distribuição de alimentos, incluindo a matéria prima alimentar e o alimento *in natura*. Um dos aspectos que será posto em prática, refere-se ao parágrafo correspondente a “requisito para a construção de estabelecimentos com práticas operacionais, ou seja, projetar ambientes ausentes de poeiras, odores e similares, com controle de condições sanitárias, setorização dos ambientes, áreas bem iluminadas e ventiladas, materiais e técnicas construtivas adequadas e entre outros.

2.5.3 Legislações Municipais

- **Código de Obras – Plano Diretor do município de Arcos/MG**

⁷ANVISA: Agência Nacional de Vigilância Sanitária

O “código de obras” objetiva através de um conjunto de leis, determinar diretrizes que devem ser seguidas no projetar, licenciar e executar de uma obra, urbanização ou serviço similar, arquitetando no município construções, urbanizações e/ou elementos que estejam dentro dos princípios legislativos, e que interfira ao menos no meio ambiente, proporcione acessibilidade a todos, tenha os afastamentos adequados, índices de permeabilidade indicados e diversos outros, instrumentos estes, que garantem indiretamente uma qualidade de vida e um crescimento coordenado e ordenado no município.

- **Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo da cidade de Arcos/MG**

A Lei de “uso e ocupação do solo” setoriza as áreas para cada tipo de edificação a ser construída (residenciais, comerciais, misto, industrial e similares), visando um crescimento planejado e organizado da cidade, além de neste elucidar detalhadamente os índices e percentualidades de áreas edificadas, espaços permeáveis, zoneamentos dos espaços, hierarquia viária e os parâmetros que as edificações devem seguir e entre outros. Nesta resolução, foi constatada que a região escolhida para a concepção da Feira Livre se enquadra na Zona de MANAP (Macrozona de Adensamento Não Prioritário) de uso Misto, podendo ser edificado construções residenciais e comerciais de até 75 metros de altura, com um máximo de 25 pavimentos, possuindo a taxa de ocupação de 0,7 a 0,9 %, e um coeficiente de aproveitamento entre 17,5 e 22,5.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Na etapa de “Contextualização do objeto de estudo”, será elucidada a história da Feira Livre no cenário arcoense, e, não obstante, contextualizar a sua atual situação no contexto urbano e social de Arcos, além de exemplificar o porquê da “importância de um novo espaço”.

3.1 A origem da Feira Livre de Arcos

Com informações obtidas pela Associação dos Feirantes e tanto quanto de alguns feirantes, as adversidades relacionados a um espaço propício e exclusivo para Feira Livre de Arcos, surge desde sua proposta de iniciativa da associação, ou seja, desde sua fundação em meados de julho de 1990.

Durante estes incompletos 27 anos de atividades, a Feira foi alocada em três localidades distintas. Inicialmente o empreendimento fora sitiado em uma região distante do centro comercial da cidade, no bairro Jardim Esplanada, onde iniciou-se as primeiras relações comerciais da Feira Livre.

O bairro em si e de acordo com a normatização do “parcelamento, ocupação e uso do solo de Arcos” é caracterizado por utilidades comerciais e residenciais, sendo o último o predominante no local. Nesta época o número de serviços era inferior ao atual, contando apenas algumas barracas e feirantes.

Posteriormente, com alguns anos de funcionamento, a Feira Livre foi transferida para a região central da cidade, próximo as imediações da Praça Floriano Peixoto e da Escola Iolanda Jovino Vaz, mas especificamente na rua Jacinto da Veiga, nesta área a Feira Livre permaneceu em funcionamento durante anos.

Ainda com informações obtidas através da Associação dos Feirantes, logo após este longo período de funcionamento nas imediações da Praça da Matriz, conforme a FIG. 1, no ano de 2015 a Feira Livre foi transferida a propósito da Secretaria de Integração Social de Arcos, para a Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho II, onde funciona até os dias atuais.

Figura 1: Feira Livre na Praça da Matriz – Meados de 1.999



Fonte: Autor desconhecido, meados de 1.999.

Figura 2: Estudo das condicionantes referentes a atual implantação da Feira Livre de Arcos



Fonte: *Google Earth/Maps*, com intervenções da autora, 2017.

Verificando anteriormente a atual implantação do objeto de estudo, FIG. 2, e com o auxílio do *Software Google Earth/Maps*, verificou-se que o espaço utilizado pela

Feira Livre, conta com uma área⁸ aproximada de 1.200 m². Nesta nova localidade, o empreendimento obteve destaque profissionalmente, a Feira Livre em si ganhou uma notoriedade maior nas relações comerciais e sobretudo no cenário arcoense, servindo não somente como um local de venda e comercialização de produtos, mas como uma forma de entretenimento e lazer para uma grande parcela da população arcoense.

Ainda com informações obtidas por alguns feirantes, nesta nova localização o índice de vendas dos comerciantes aumentou relativamente, neste período de tempo foram acrescentadas novas barracas, trazendo espaço de trabalho para novos feirantes e diversas opções de produtos para os arcoenses.

3.2 A atual Feira Livre

De acordo com informações obtidas pela Associação dos Feirantes (2017), os horários de funcionamento da Feira Livre são no sábado de 06:00 às 12:00 horas, no qual os feirantes dão início a montagem das barracas por volta das 05:00 horas, recebendo posteriormente cerca de 300 pessoas no estabelecimento; e na quarta-feira de 18:00 às 00:00 horas, dando início a montagem dos quiosques às 17:00 horas, no qual atendem a um público aproximado de 1.000 pessoas. A Feira Livre em si é um órgão independente, mas que recebe quando necessário a ajuda da Prefeitura de Arcos.

Ainda segundo dados da Associação dos Feirantes (2017), atualmente a Feira Livre conta com 45 quiosques, que oferecem uma variedade de produtos de varejo, sendo estes hortifrutigranjeiros, como a FIG. 3, artesanatos, quitandas, produtos de origem animal, alimentos para o consumo imediato, como mostra a FIG. 4, e entre outros, estes em sua maioria, produzidos e trazidos (de suas fazendas e similares) pelos próprios produtores rurais, que são do município e zonas rurais de Arcos, além de outras cidades vizinhas.

⁸ A área possui forma retangular e totaliza cerca de 1.488,00 m², sendo aproximadamente 12,00 metros por 124,00 metros; medidas estas realizadas através do *Software Goole Earth/Maps* em 2017.

Figura 3: Quiosque com produtos hortifrutigranjeiros



Fonte: A autora, 2017.

Figura 4: Um dos alimentos comercializados na Feira Livre



Fonte: A autora, 2017.

Entretanto, ao verificar a infraestrutura do objeto de estudo, FIG. 5, o local possui dois banheiros químicos, sendo um masculino e outro feminino, algumas lixeiras espalhadas pelo local, iluminação artificial, mas isenta de canalização de água e infraestrutura básica, tudo isto disposto sob uma cobertura em metal sustentada por diversos pilares metálicos de base em concreto, ressalto, que parte desta coberta abrange uma parte da área de ciclofaixa, e deste modo a altura máxima para a

circulação de veículos de maior porte nesta mediação, consiste num máximo de 4,00 metros.

Figura 5: Estrutura da Feira Livre de Arcos



Fonte: A autora, 2017.

Figura 6: Entorno da Feira Livre de Arcos em funcionamento



Fonte: A autora, 2017.

Com análises feitas *in-loco*, percebe-se que a maioria do público alvo do local, se conduz para a Feira através de automóveis e motocicletas, como no ambiente não possui uma área específica para o estacionamento de veículos automotores (por ser

uma local aberto), os mesmos são estacionados em ambos os lados da avenida, lado a lado ao longo de toda a extensão cabível, como mostra a FIG. 6, e até mesmo em locais não apropriados para o estacionamento, gerando em determinadas ocasiões conflitos de interesses entre pedestres, ciclistas e automóveis, e sobretudo dificultando (em boa parte) o fluir do trânsito na área, não obstante, ocasionalmente ocorre o fechamento de um lado da via, FIG. 7, que serve informalmente como uma praça de alimentação.

Figura 7: Fechamento de parte da via arterial



Fonte: A autora, 2017.

3.3 Feira Livre de Arcos: A importância de um novo espaço

Através desta contextualização e analisando os preceitos construtivos, urbanísticos, comerciais e tanto quanto sociais, apresenta-se neste, a proposta de projetar nesta região⁹ um espaço propício para a Feira Livre de Arcos, que atenda as normas específicas a tipologia construtiva e urbanística, e que possa trazer aos feirantes e usufruidores do local diversos benefícios, tais como exemplificados a seguir:

- Ambiente propício para os feirantes e seus trabalhos;

⁹ Como esta área foi bem acatada pelos arcoenses e é um ponto central no município, a proposta consiste em idealizar o projeto nestas imediações, possibilitando uma integração entre a cobertura (que fora projetada inicialmente para fins públicos, como: *shows*, eventos, festas e demais – de maior porte) e nova implantação da Feira Livre.

- Possibilidade do aumento dos números de feirantes e barracas¹⁰;
- Flexibilidade nos horários;
- Facilidade em relação a carga e descarga de mercadorias¹¹;
- Conforto, infraestrutura e acessibilidade para seus usuários;
- Projetar não somente a Feira Livre em si, mas sobretudo um espaço de lazer e entretenimento para a população arcoense;
 - Reforçar os laços identitários e de imagem relacionados aos espaços públicos, principalmente a Feira Livre de Arcos.
 - E entre outros.

3.3.1 Um novo uso para a antiga cobertura

Figura 8: Cobertura da atual Feira Livre



Fonte: A autora. 2017.

Neste contexto e com a proposta de projetar em uma nova área a Feira Livre de Arcos, a “antiga” cobertura, FIG. 8, que abrigava as instalações e as atividades comerciais do empreendimento na Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho I, não ficará inutilizada. É de extrema importância ressaltar que esta laje, foi projetada para eventos

¹⁰ Em conversa com a Associação dos Feirantes, foi relatado que existem mais feirantes interessados em ter a oportunidade de serem credenciados no empreendimento.

¹¹ Em conversa com a Associação dos Feirantes, este são alguns dos empecilhos encontrados pelos próprios feirantes, além do clima, que é uma condicionante imprevisível.

de calendário, tais como Carnaval, Festa da Crianças, *Réveillon* e similares; anos depois, em meados de 2015 a Feira Livre de Arcos foi transferida para o referido local, e em 2016 foi idealizado no ambiente uma cobertura metálica, com isso a mesma acatará as suas antigas funcionalidades: reunião de grande público e eventos coordenados de maior porte.

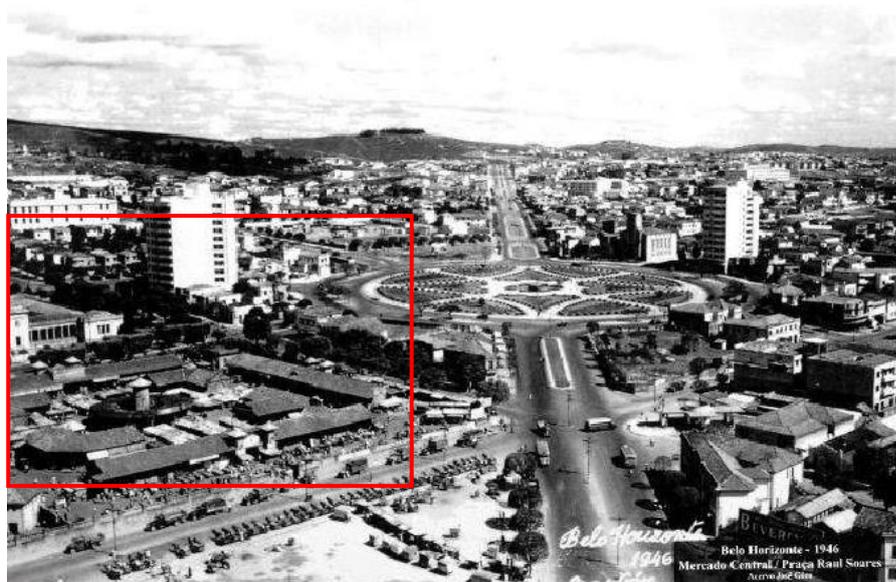
4. LEITURAS DE OBRAS ANÁLOGAS

Como forma de aprofundar os conhecimentos técnicos, construtivos, legislativos e estéticos, as obras análogas tornam-se instrumentos fundamentais para o correto embasamento teórico e a adequada concepção arquitetônica e estrutural. Deste modo, serão apresentadas obras relacionadas ao tema proposto, que auxiliarão na proposta do projeto, desenvolvida na segunda etapa, na parte de proposição.

4.1 Mercado Central de Belo Horizonte

Consubstanciado aos dados do Mercado Central de Belo Horizonte (2017), o empreendimento fora idealizado em 07 de setembro de 1929 na cidade de Belo Horizonte pelo prefeito Cristiano Machado, entretanto, o projeto é caracterizado pela junção das feiras da Praça da Estação e Praça da atual rodoviária. Com localização privilegiada nas mediações da Praça Raul Soares, o projeto, FIG. 9, conta com uma área de 22 lotes, totalizando 14.000 m².

Figura 9: Vista aérea do Mercado Central – Parque Raul Soares em 1946



Fonte: Lúcia Faria Lima, 2011, com intervenções da autora, 2017.

O estabelecimento foi edificado por iniciativa da prefeitura local, objetivando centralizar o abastecimento de perecíveis do município. Com sua implantação

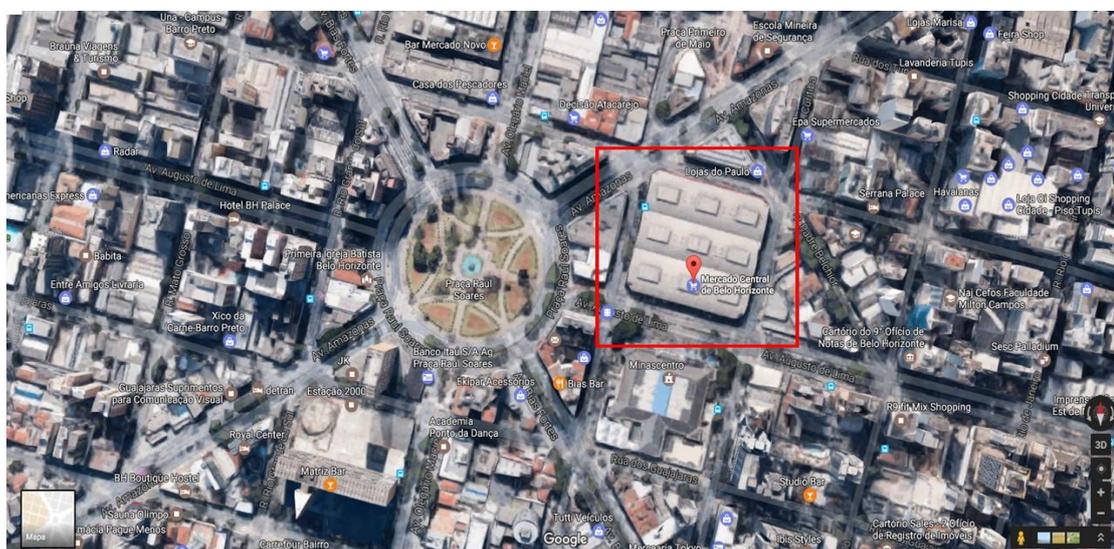
considerada tardia, suas instalações eram precárias e insuficientes em relação ao porte da capital, deste modo, a opção mais convincente no momento, era o planejamento e a criação de um novo centro comercial (FILGUEIRAS, 2006).

Segundo o Mercado Central de Belo Horizonte (2017), com o alto índice de negócios e expansão comercial, o comércio funcionou até o 1964, quando o prefeito da época vendeu o terreno alegando impossibilidade de administrar o empreendimento. Objetivando então o não fechamento da feira municipal, os comerciantes criaram uma cooperativa e compraram o imóvel da prefeitura.

Não obstante, a mesma reivindicou e exigiu que os feirantes teriam um prazo de cinco anos para a edificação de um galpão, caso contrário a área seria restituída a prefeitura belo-horizontina. Durante a construção do edifício, os irmãos Osvaldo, Vicente e Milton de Araújo investiram no potencial do empreendimento, com isso, quatro construtoras foram contratadas, finalizando a tempo proposto, o fechamento e a cobertura do lote (MERCADO CENTRAL DE BELO HORIZONTE, 2017).

Com a análise da atual implantação do empreendimento, FIG. 10, e fundamentando-se nas informações obtidas pelo site do Mercado Central de Belo Horizonte (2017), é possível verificar que o referido se encontra locado em meio as avenidas Augusto de Lima e Amazonas, além das ruas Dos Goitacazes, Padre Belchior, Curitiba e Santa Catarina, entretanto, uma de suas faces confronta-se com a Praça Raul Soares.

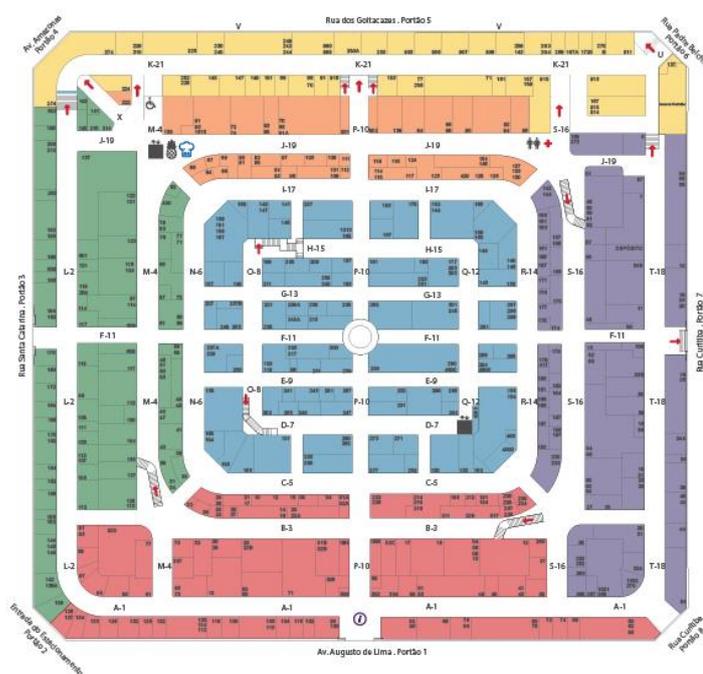
Figura 10: Implantação do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente



Fonte: Google Earth/Maps, com intervenção da autora, 2017.

Em todas as ruas e avenidas mencionadas anteriormente, existem oito entradas e acessos que induzem o visitante a parte interior do estabelecimento, FIG. 11, edificado em 1970, não obstante, e ainda com a análise desta planta técnica, percebe-se que os fluxos são demarcados através da linearidade, os comércios são subdivididos em quadras, e estes possuem dimensões variadas, e em sua maioria a estrutura dos quiosques são caracterizados por sua forma retangular e construídos em alvenaria (MERCADO CENTRAL DE BELO HORIZONTE, 2017).

Figura 11: Planta Baixa – Mercado Central de Belo Horizonte



Fonte: Mercado Central de Belo Horizonte, 2017.

Já fundamentando-se nas informações de Filgueiras (2006), “destacam-se as características do próprio Mercado: experiência única de mercado popular privado no Brasil, caracterizado pela enorme diversidade dos produtos e serviços oferecidos”, atualmente, e com dados Mercado Central de Belo Horizonte (2017), o empreendimento possui mais de oito décadas de funcionamento, conta com mais de 400 lojas de diversos ramos comerciais, oferece aos visitantes serviço de informações bilíngue, e foi reformado estruturalmente, oferecendo acessibilidade a idosos, deficientes e pessoas com mobilidade reduzida, além de infraestruturas e serviços necessários para um harmonizado funcionamento.

Complementando com dados de Saraiva et al (2013), o edifício, FIG. 12, é ao mesmo tempo imponente, rústico e tradicional, suas paredes são edificadas em tijolos cobogó em cerâmica, possibilitando claridade e ventilação no interior do local. Todos os oitos acessos do edifício são únicos, algumas são em escadas, outras em rampas, e a entrada defronte ao Minascentro encontra-se no nível da rua.

Figura 12: Fachada do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente



Fonte: Belo Horizonte, 2017.

No primeiro piso, tem-se a variedade de estabelecimentos, no segundo pavimento, no qual o acesso ocorre através de uma escada ou elevador panorâmico, encontra-se uma laje contínua em concreto, mas por pistas em que os carros estacionam, neste mesmo patamar se encontra a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, um dos elementos característicos do Mercado Central (SARAIVA ET AL, 2013).

Com a análise histórica e arquitetônica do Mercado Central de Belo Horizonte, percebe-se que apesar das dificuldades iniciais da concepção do projeto, o mesmo resistiu a estas condicionantes. É um local projetado valorizando as formas lineares e os fluxos internos, estruturado em sua maioria em elementos cobogós, que permite indiretamente uma troca de ventilação e iluminação no ambiente, não obstante, é caracterizado pela diversidade de aromas, cores, culturas e que expressa a tradição e identidade belo-horizontina, e que ultimamente vem sendo adaptado e

reestruturado, objetivando proporcionar melhores condições de locomoção e aproveitamento de espaços para seus usufruidores.

4.2 Mercado Público de Porto Alegre

Através de informações obtidas pelo site do Mercado Público de Porto Alegre (2017), o espaço fora projetado inicialmente adotando preceitos do neoclassicismo¹². Arquetado pelo engenheiro Frederico Heydtmann, e inaugurado em 03 de outubro de 1869 com a ajuda do poder público, a edificação tornou-se o principal centro de abastecimento da cidade.

Implantado em uma localização privilegiada na Praça XV, no centro de Porto Alegre com proximidades a Prefeitura e ao Cais do Porto, a obra FIG. 13, conta com características quadriláteras, torreões¹³ nas esquinas, pátio central, sendo gabaritado inicialmente em um só pavimento (MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE, 2017).

Figura 13: Mercado Público de Porto Alegre – Século XIX



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre

A antiga construção acomodava diversas tipologias comerciais, entre elas: armazéns, bares, fruteiras, restaurantes e inclusive hotéis. Entretanto com o crescimento econômico e o desenvolvimento notável do município, no ano de 1912

¹² Obras caracterizadas majoritariamente por sistemas construtivos simples, espaços organizados racionalmente, linhas e formas simétricas e ortogonais.

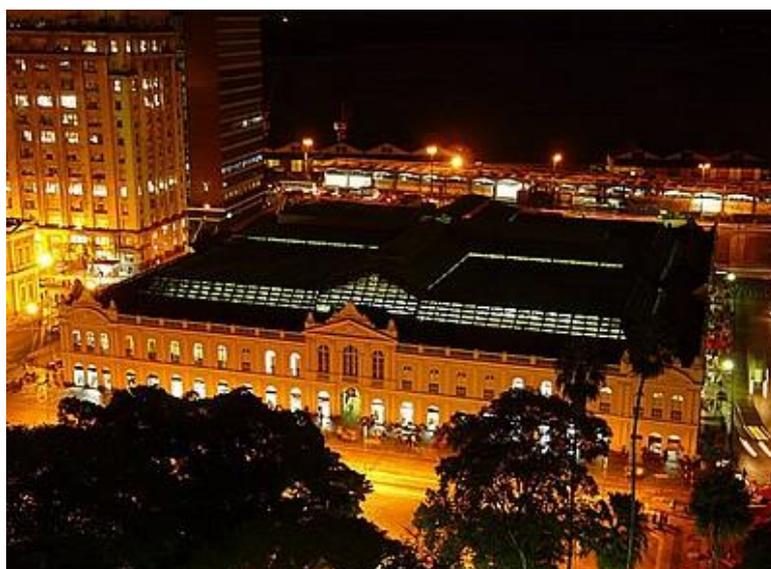
¹³ Torre larga, com ameias, constituindo um reduto defensivo. Muito utilizado na arquitetura medieval.

fora edificado o segundo pavimento, objetivando a instalação de escritórios comerciais e industriais, além de repartições públicas (CAVEDON, 2004).

Segundo o Mercado Público de Porto Alegre (2017), o edifício passou por diversas transformações construtivas, e inclusive por alguns incidentes, entre eles incêndios, enchentes e ameaças de demolição, de modo inclusivo para a instalação de uma avenida local. Anos mais tarde, em 1979, o edifício, FIG. 14, foi tombado¹⁴ pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre e durante a década de 1990 a administração pública local organizou uma equipe multidisciplinar visando a restauração da construção, porém adotando três princípios, arquitetônicos, comerciais e sociais, sendo eles:

- Resgatar a qualidade estética da edificação;
- Qualificar a capacidade de abastecimento;
- Valorizar os espaços de sociabilidade.

Figura 14: Mercado Público de Porto Alegre atualmente



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Com esta reforma, as circulações internas foram melhoradas, novos espaços de convivência foram projetados conjuntamente com a implantação de redes de infraestrutura e reabilitação da função estética do edifício, além da instalação de uma

¹⁴ Ato administrativo que visa através de leis, preservar determinado bem histórico, impedindo a descaracterização ou destruição do mesmo.

cobertura FIG. 15, integrando o térreo e o segundo pavimento que, no entanto, passou a ser ocupado por diversos estabelecimentos comerciais (MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE, 2017).

Figura 15: Instalação da cobertura



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Figura 16: Implantação do Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Verificando anteriormente a sua implantação, FIG.16, percebe-se que duas faces da edificação foram locadas em frente a duas Avenidas, entretanto, as outras

duas estão defronte à Praça Parobé e o Largo Glênio Peres. Em todas as fachadas do projeto, existem aberturas que induzem a instalações internas da construção.

Segundo o Mercado Público de Porto Alegre (2017), a sua parte térrea conta com uma área construída de 7.996,38 m², e percebe-se a linearidade da construção, evidenciando nitidamente os preceitos estabelecidos na arquitetura neoclassicista.

Ao verificar a infraestrutura do local, vê-se que ela está subdividida em quatro quadras interiores, sendo estas circundadas por outros setores comerciais, a planta técnica deste pavimento, FIG. 17, mostra perfeitamente a fácil demarcação dos fluxos e trajetos a serem feitos pelo público. Contando com quatro acessos internos diferenciados, verifica-se a repartição uniforme dos cômodos comerciais e a variedade dos empreendimentos.

Figura 17: Planta Baixa - Térreo



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Ainda neste bloco construtivo, percebe-se na quadra quatro, a mescla de alguns estabelecimentos comerciais e a instalação de uma escada que interliga o primeiro e o segundo pavimento, entretanto, há a presença de um pequeno espaço

para circulação de pessoas neste setor, funcionando, no entanto, como um típico *hall*.¹⁵

Nestes ambientes e com uma análise mais íntegra, é possível analisar a implantação da nova cobertura, FIG. 18, e ainda as disposições dos pilares, como mostra a referida figura, obedecendo uma lógica de distribuição e assegurando em sua estruturação o partido neoclassicista.

Figura 18: Pavimento térreo e projeção do segundo piso



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Constituindo o pavimento intermediário, o mezanino¹⁶ possui uma área de 2.216,59 m², e nele encontram-se os depósitos das bancas e lojas, salas de descanso e vestiário para os funcionários, não obstante, neste andar ainda estão inclusos os mezaninos individuais de cada comércio (MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE, 2017).

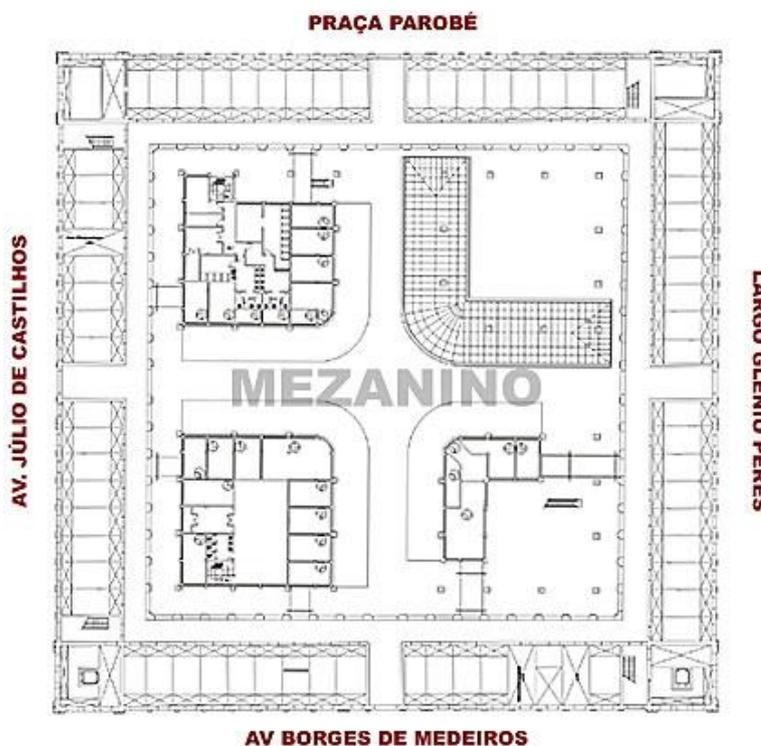
Com dados do Mercado Público de Porto Alegre (2017), e verificando seguidamente a FIG. 19, referente ainda ao pavimento do mezanino, percebe-se que a mesma é uma projeção construtiva do térreo. Neste segundo pavimento do mercado (o mezanino), tem-se a construção de mais alguns departamentos comerciais, com áreas mais amplas em comparação as do primeiro andar, ainda assim, neste bloco

¹⁵ Espaço vazio similar a um salão, saguão.

¹⁶ Mezanino: Corresponde a um pavimento localizado entre o andar térreo e o primeiro andar de um edifício, sendo o acesso realizado através de uma escada e/ou elevador situado no térreo.

encontram-se diversas lojas, 07 restaurantes, xerox, telecentro e outros estabelecimentos.

Figura 19: Planta Baixa Mezanino



Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2017.

Com a edificação de todos os dois pavimentos juntamente com o mezanino, o Mercado Público de Porto Alegre conta com uma área total de 15.394,04 m². Durante a restauração do prédio, o mesmo foi adaptado com duas escadas rolantes, dois elevadores, central externa de gás encanado, vestiários, refeitórios, áreas para os funcionários e diversas outras modificações arquitetônicas, tudo isto gerando na década de 1990 um investimento de 9 milhões, sendo 88% financiado pela prefeitura local e 12% designado pelo Fundo Municipal do Mercado Público (MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE, 2017).

Com o estudo do Mercado Público de Porto Alegre, percebe-se a linearidade adotada arquitetonicamente aliada ao partido neoclassicista do edifício, este tipo de traçado facilita a locomoção dos transeuntes dentro de espaços relativamente amplos, é notável a preocupação em adaptação do espaço e em outros parâmetros, é verificável também, a importância deste tipo de estabelecimento no município de Porto

Alegre, valorizando-o, e este, desempenhando funções culturais e de lazer na sociedade local.

4.3 Mercado Público de Blumenau

Segundo o Studio ArqBox (2007), a proposta para a concepção¹⁷ do Mercado Central de Blumenau, em Santa Catarina, consiste em uma arquitetura contemporânea e que acople os conceitos de integração, comércio e cultura. A obra conta com um terreno de aproximadamente 4.090,00 m² e possui uma área construída de cerca de 7.000, 00m², com a análise da FIG. 20, percebe-se a implantação do edifício no terreno, no qual objetiva integrar a obra com o entorno, além de elucidar os fluxos e vias características do local, e a planta baixa do subsolo da edificação, correspondente a um estacionamento.

Figura 20: Implantação do Mercado Público de Blumenau (Proposta)



Fonte: Studio ArqBox, com intervenções da autora, 2017.

Não obstante, e examinando a FIG. 21, tem-se a apresentação, primeiramente da planta baixa do térreo, seguidamente da planta baixa do mezanino, com a verificação percebe-se a linearidade da estruturação do espaço e da própria estrutura,

¹⁷ Foi realizado um concurso para a apresentação de projetos para a edificação do Mercado Público de Blumenau, em Santa Catarina, e o Studio ArqBox foi um dos inscritos do evento, apresentando a referida proposta.

a demarcação dos fluxos internos, e, não obstante, e segundo o Studio ArBox (2007) a circulação constante de pessoas incentivou a criação de um grande espaço interno destinado a eventos, praça ou dependendo da dinâmica e necessidade do ambiente.

Figura 21: Planta baixa do Térreo e seguidamente do Mezanino

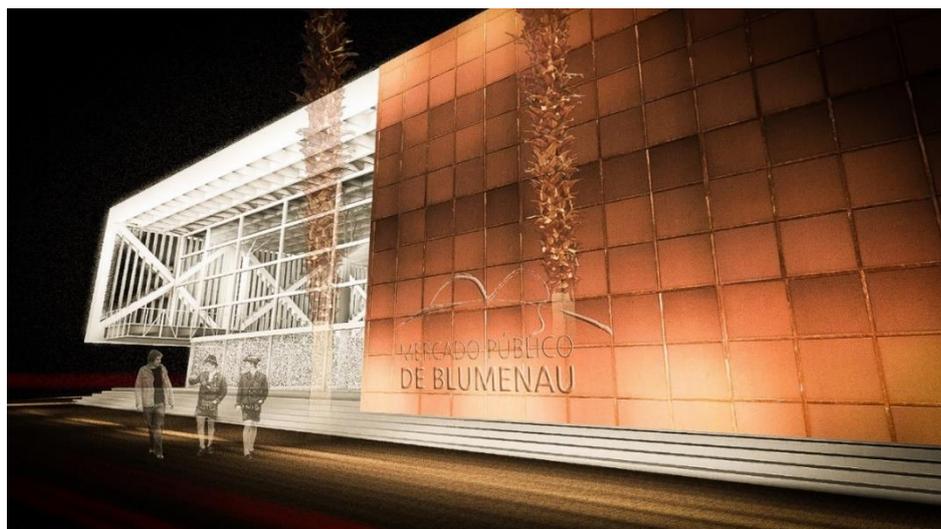


Fonte: Studio ArqBox, 2017.

Considerando ainda a planta baixa do térreo, FIG. 21, as colorações em verde representam os boxes comerciais, em nuance cinza remete as áreas gerais, o amarelo são espaços propícios para a carga e descarga, a cor em tom de “pêssego” são locais de utilidades, a cor em “salmão” simboliza os espaços administrativos. Já na planta baixa do mezanino, ainda na análise da FIG. 21, os espaços em nuances cinzas representam as áreas gerais, em azul a praça de alimentação, e as colorações restantes são espaços comerciais distintos.

Um dos preceitos da edificação, como mostra a FIG. 22, é a valorização do entorno, e, não obstante, o novo uso do espaço deveria ser percebido pelos seus usuários, excetuando-se que o acesso principal do mercado é realizado através de uma avantajada e convidativa escadaria, que propõe contemplar grande parte das vias mais importantes através de grandes vãos de entrada, dispostos ao longo do encontro entre elas (STUDIO ARQBOX, 2007).

Figura 22: Fachada principal do Mercado Público de Blumenau



Fonte: Studio ArqBox, 2017.

Ainda de acordo com Studio ArqBox (2007), o maior desafio do projeto foi adequar o extenso programa de necessidades ao espaço determinado, FIG. 23, com isso, a setorização foi seccionada em três principais setores, sendo estes: serviços, boxes e apoio, sendo subdivididos facilitando a locomoção no espaço.

Figura 23: Interior do Mercado Público de Blumenau (Proposta)



Fonte: Studio ArqBox, 2017.

Ao verificar a proposta de projeto do Mercado Público de Blumenau, percebe-se nitidamente os preceitos do estilo contemporâneo na estruturação e volumetria do

elemento, o enaltecimento do entorno em relação a edificação, conjuntamente com a estruturação e disposição dos espaços dentro do ambiente.

Fundamentando-se nas informações do Studio ArqBox (2007), e relacionando a volumetria, FIG. 24, ao partido arquitetônico, a mesma está fundamentada na rápida e prática utilização das estruturas metálicas, onde a cobertura funde-se com as fachadas laterais, formando um “U” invertido sobre volume de alvenaria sobressalente, o mesmo foi revestido em arenito vermelho, e transpassa para o passeio, objetivando atrair a atenção dos transeuntes.

Figura 24: Uma das fachadas do Mercado Público de Blumenau



Fonte: Studio ArqBox, 2017.

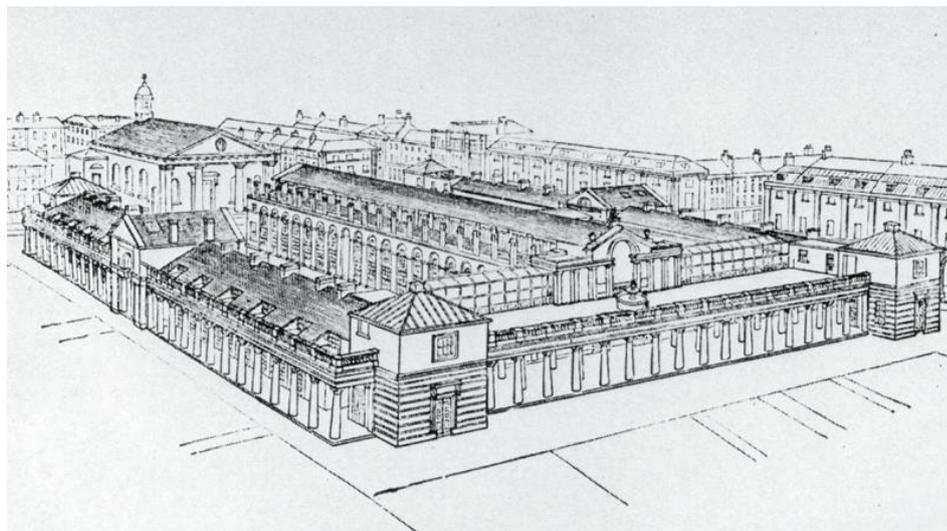
Com a análise do Mercado Público de Blumenau, percebe-se a preocupação em associar os preceitos de integração social, cultura e comércio em só local. Não obstante, a edificação exalta o estilo contemporâneo, através das formas lineares utilizadas na distribuição dos espaços e até mesmo na estruturação do edifício em si, todo este conjunto associado aos inovadores materiais e técnicas construtivas, tais como a cobertura em estilo nervuras, a utilização de estrutura metálica, o extenso pano de vidro, objetivando (provavelmente) uma iluminação direta no interior do ambiente e entre outros, parâmetros e técnicas bastante utilizadas nas arquiteturas contemporâneas, e que possuem um *design* atual, além de um diferencial arquitetônico.

4.4 Covent Garden Market – London in England

O Mercado Público “*Covent Garden*”, está situado em Londres na Inglaterra, o mesmo teve início em meados de 1835, quando uma patente foi emitida para realizar uma “feira pública ou *mart*” na área de *Richmond, Dundas e King Streets*¹⁸. Logo após, em 1845, o mercado encontrou um local permanente, quando donos de empresas da cidade doaram terrenos localizados perto das imediações de *Richmond, Dundas e King Street* (COVENT GARDEN MARKET, 2017).

Consubstanciando-se ao *Covent Garden London* (2017), através da venda de terrenos perto do *The Strand*¹⁹, foi pedido ao governo uma melhoria e regulação do *Covent Garden Market*, o projeto de lei permitiu que fossem derrubadas as ruínas de *Piazza*, e construísse um edifício apropriado ao mercado, além de instituir um sistema regulado de rendas. Para a concepção do projeto, FIG. 25, foi escolhido o arquiteto *Charles Fowler*, adotando à edificação o estilo greco-romano, funcional e sem adornos.

Figura 25: Projeto do *Covent Garden Market* por *Charles Fowler* (Meados de 1830)



Fonte: *Covent Garden London*, 2017.

¹⁸ *Richmond, Dundas e King Streets*, são bairros da cidade de Londres, localizados nas imediações do *Covnet Garden Market*.

¹⁹ *The Strand*, é uma rua do bairro “Cidade de *Whestminster*” em Londres, no qual acopla o *Covent Garden Market*.

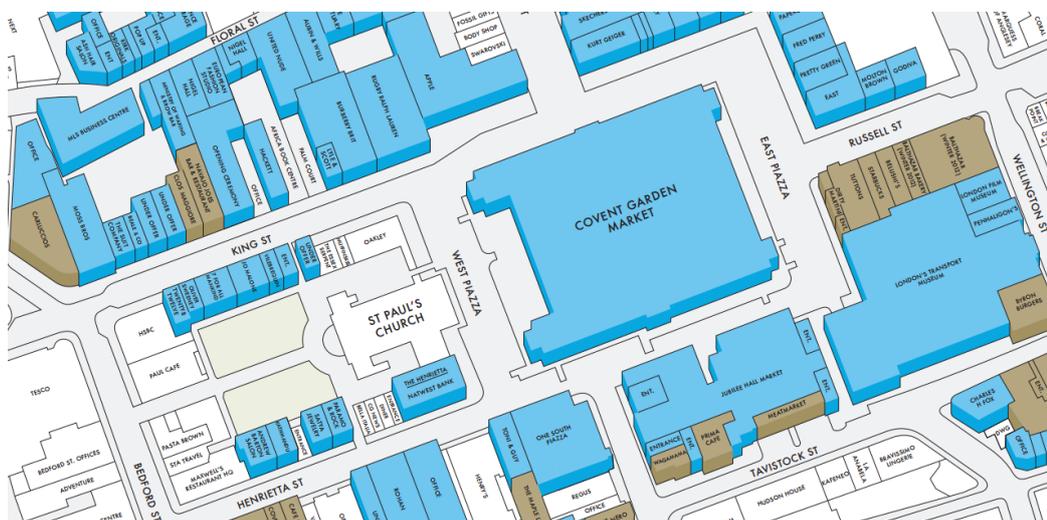
Segundo o *Covent Garden Market* (2017), até mesmo depois da Primeira Guerra Mundial, o mercado, FIG. 26, era o coração comercial e cultural da cidade, com o advento do automóvel, este “começou a tomar seu pedágio na tradição honrada de visitar o mercado, nove empresas formaram o *Covent Garden Market Building Inc.* em 1958”, substituindo o antigo edifícios no qual funcionava o empreendimento em si, e no qual “continha quatro níveis de estacionamento, juntamente com uma área no piso principal para o mercado tradicional”.

Figura 26: Vista aérea *Covent Garden Market* em 1953



Fonte: *Covent Garden Market*, 2017.

Figura 27: Implantação do *Covent Garden Market*

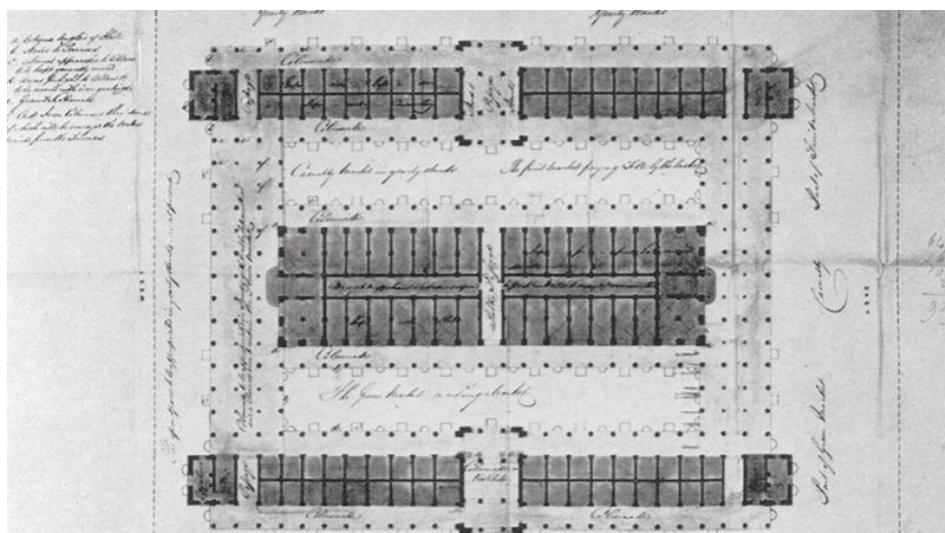


Fonte: *Mapping London*, 2017.

De acordo com *Mapping London* (2017), atualmente o *Covent Garden* é um dos principais centros comerciais de Londres, o edifício histórico do mercado está no coração da “terra do teatro”, onde está implantado, conforme anteriormente a FIG. 27, e faz vizinhança com uma grande loja da *Apple*, *Royal Opera House* e *London Transport Museum*,

Com a análise da atual estruturação do *Covent Garden Market* FIG. 28, percebe-se que o mesmo é todo arquitetado em preceitos neoclássico e/ou greco-romano, caracterizado segundo o História das Artes (2017), por ser uma arquitetura racional, que remontasse aos preceitos greco-romanos, utilizando elementos como frontões, pilares em capitéis, materiais construtivos nobres e entre outros.

Figura 28: Planta baixa do *Covent Garden Market* (Meados de 1830)



Fonte: *Covent Garden London*, 2017.

Com informações de *Covent Garden Market* (2017), e com análise conjunta da atual planta baixa do local, FIG. 29 e FIG.30, percebe-se através das colorações, a setorização dos ambientes do *Covent Garden Market*.

Cada tonalidade representa uma tipologia comercial, e, não obstante, neste pavimento, FIG. 29, tem-se o departamento de administração do mercado, centro de validação do parque, uma escada que leva os transeuntes ao espaço da praça de alimentação localizada na cobertura do edifício, uma escada que induz ao mezanino (em marcação vermelha), além de outros dois acessos que induzem aos ambientes de *Tabolt St. & Public Square* e *To Market Lane & Richmond Street*, e outras dois

acesso (feitos através de escada ou um elevador) que levam o visitante ao Market Lane e ao King Street.

Figura 29: Setorização do Covent Garden Market – Nível principal



Fonte: Covent Garden Market, com intervenção da autora, 2017.

Figura 30: Setorização do Covent Garden Market – Nível Mezanino



Fonte: Covent Garden Market, com intervenção da autora, 2017.

Ao analisar a planta anterior referente ao Mezanino, FIG. 30, verifica-se a presença outros estabelecimentos comerciais, o espaço propício à praça de alimentação (em marcação vermelha), além de um elevador destinado aos serviços e atividades do mercado, e os outros dois acessos, feitos através de escada e um elevador que conduzem ao pavimento/nível principal do estabelecimento.

Não obstante, e de acordo com Neves (2014), somente em 1875 e 1889 foram inseridas as coberturas característica do local, FIG. 31, estruturada em metal com a sobreposição em vidro. Ainda com informações de Neves (2014), o local é qualificado por ser um importante centro de lazer e convivência, é um conjunto de “lojas coloridas, quiosques, cafés, restaurantes, bares, barracas de artesanato e os tradicionais artistas de rua, acrobatas, mágicos, músicos” e entre outros.

Figura 31: Vista aérea *Covent Garden Market* atualmente



Fonte: Daniel Neves, 2014.

Com a análise da obra do mercado público internacional *Covent Garden Market*, percebe-se que apesar da diversidade de culturas e localização²⁰, os preceitos redigidos para a concepção do projeto, consistem na linearidade da estrutura e na valorização dos fluxos do mesmo, um dos pontos marcantes deste projeto, é sua extensa e sofisticada cobertura em vidro, aliada a uma distribuição harmônica dos pilares construtivos, edficando uma arquitetura única, valorizada e bem usufruída

²⁰ Comparando os países Brasil e Inglaterra, e suas respectivas obras relacionados a Mercados Públicos.

pelos cidadãos londrinos e tanto quanto estrangeiros, constituindo um marco internacional na cidade de Londres.

5. DIAGNÓSTICO DO SÍTIO E DA REGIÃO

Neste capítulo, será elucidada a história e atualidade do município de Arcos, juntamente com os dados socioeconômicos e culturais. Seguidamente, será exemplificado através de estudos, mapas e diagnósticos, análises referentes ao terreno escolhido conjuntamente com a atual implantação da Feira Livre, além do seu diagnóstico conjunto com parte de determinada malha urbana do município e condicionantes externas projetuais.

5.1 História de Arcos

Com o desmembramento de Minas Gerais e São Paulo no período de 1720 a 1764, o então governador Luiz Diogo Lobo da Silva trafegou pelo lado oeste do estado mineiro objetivando explorar limites entre ambos, considerando conjuntamente a demarcação com o estado de Góias (BARRETO, 1992).

Segundo Barreto (1992), na sua volta a Vila Rica, Silva encarregou o coronel Ignácio Corrêa Pamplona de examinar e colonizar a referida região, e, não obstante tornou-se assim um dos primeiros moradores do local. Somente a partir de 1800 outros colonizadores ocuparam o território da atual Arcos, comprando fazendas e áreas, estabelecendo moradias e tornando pioneiros da colonização arcoense.

“O processo colonizador de Arcos não foi diferente dos outros povoados, distritos e municípios. Em todo o país, o número de vilas era muito limitado no período colonial. Na fase imperial o número de cidades cresceu, o que se repete no período republicano, quando a expansão povoadora (o progresso) instaurou-se mais nas regiões agrícolas do que nas mineradoras. As chamadas vilas ricas, com o tempo, tornaram-se cidades históricas e muitas, lamentavelmente, estagnaram-se, o que não aconteceu com as povoações de Arcos, Formiga, Divinópolis, Pará de Minas e Itaúna” (BARRETO, 1992, p. 23).

Com as afirmações de Barreto (1992), após o processo de colonização, o povoado formado por cerca de 1.175 habitantes fora nomeado como “Distrito de São Julião” devido a um povoado ali existente. Não obstante, o lugar pertencia a Vila de Formiga juntamente com os distritos de São João do Glória, Abadia do Porto, Estiva, Aterrado e Bambuí. No entanto, somente em 17 de dezembro de 1938, a cidade recebeu sua emancipação e a nomeação de Arcos, como mostra a (FIG. 32).

Figura 32: Avenida Olinto Fonseca – Década de 1960



Fonte: Prefeitura Municipal de Arcos, 2017.

Ainda sobre sua história, Barreto (1992), em sua obra “História de Arcos”, menciona que o atual nome do município – “Arcos” FIG. 33, recebe aproximadamente cinco versões históricas, e a mais aceita descreve que a denominação é oriunda dos arcos de barris, no qual os tropeiros em suas viagens e através de suas passagens pelo Córrego de Arcos, deixavam arcos de barris indicando o rumo a estrada boiadeira situada na região do Triângulo Mineiro.

Figura 33: Centro de Arcos – Década de 1970



Fonte: Prefeitura Municipal de Arcos, 2017.

5.1.1 Dados socioeconômicos e culturais

Consubstanciado aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), o município está locado na Zona do Alto São Francisco - Região Centro-Oeste do estado de Minas Gerais, FIG. 34, e engloba uma extensão territorial de aproximadamente 509,873 Km², excetuando-se 5.023 Km² com 33.961 residentes da área urbana, e 2.636 moradores da zona rural, contudo totalizando 36.597 habitantes. Circundado pelas cidades de Formiga, Painas, Iguatama, Japaraíba, Córrego Fundo, Santo Antônio do Monte, Luz e distante 210 Km da capital, Belo Horizonte, o bioma local dominante é o Cerrado e Mata Atlântica.

Figura 34: Localização do município de Arcos



Fonte: IBGE, 2017, com intervenções da autora.

Com localização privilegiada e exaltada por sua geologia, o município recebe popularmente o título de “Capital Mundial do Calcário”²¹, referente a quantidade e qualidade dos minerais presentes no lugar, a cidade conta com diversas grutas, paredões de calcário (muitos destes utilizados para rapel e trilhas), áreas de reservas, sítios arqueológicos e lugares recreativos, como a Usina Velha, Casa de Cultura, Museu Histórico da Companhia Siderúrgica Nacional, Poliesportivo e outros, ambientes estes, em que a população local preza por usufruir.

²¹ Título concebido popularmente pela cidade.

Embasando-se nas afirmações de Barreto (2012), no município, as festas celebradas pela população local são diversas, de modo especial o povo arcoense, em sua maioria, preza pelas exímias festas e movimentos antiquíssimos, tais como: Festa de São Sebastião, Semana Santa, Corpus Christi, Festa do Congado e outras, destacando que grande parte de sua população é praticante da religião Católica Apostólica Romana, aliando às informações do IBGE, 2016.

Outras festas de calendário são prestigiadas pelos arcoenses, entre elas destacam-se o Carnaval, Exposição Agropecuária, a tradicional Trezena de Santo Antônio, Cavalgadas, Festa da Padroeira Nossa Senhora do Carmo, FIG. 35, e diversas outras.

Figura 35: Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo atualmente



Fonte: A autora, 2017.

5.1.2 A economia do município

De acordo com os dados do IBGE, 2014, no município destacam-se os ramos de agropecuária, serviços e principalmente industrial, de modo especial as especializadas em extração e mineração, entre elas empreendimentos como a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, Lafarge, Mineração Belocal, Mineração João Vaz Sobrinho, Calcário Cazanga e outras.

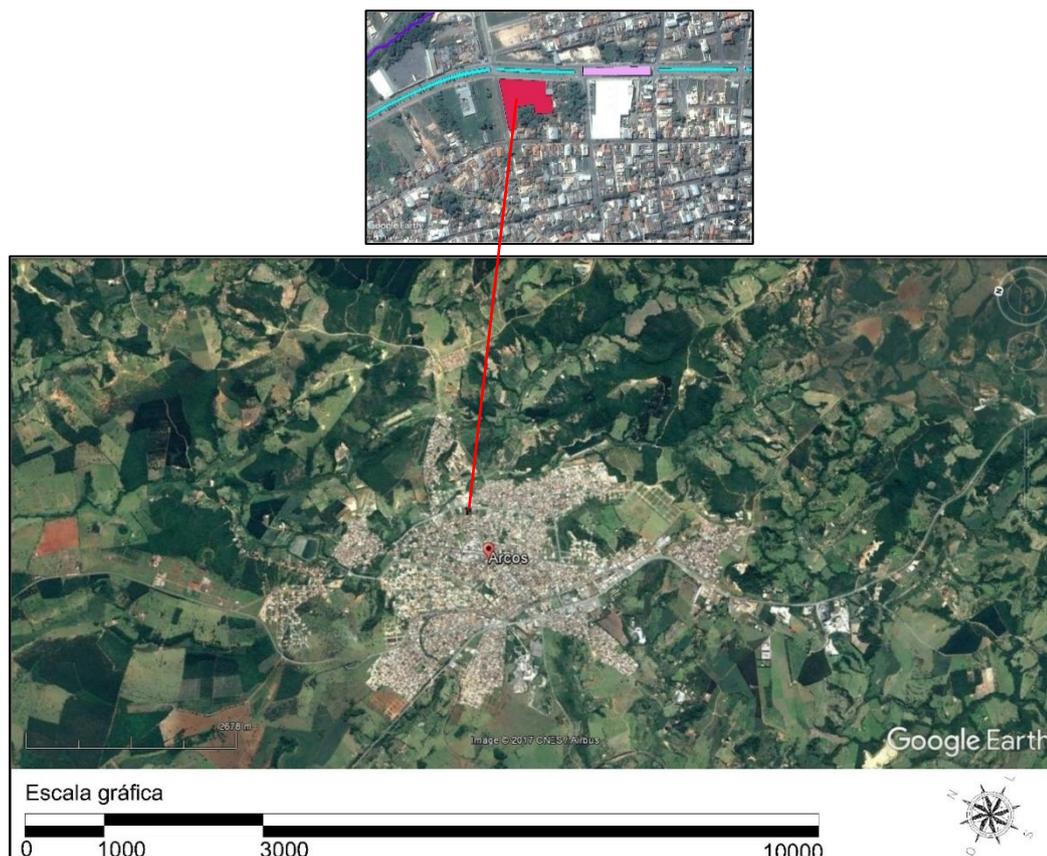
Estas empresas empregam grande parte da população arcoense, gerando valorização e renda para o município e colaborando notadamente com o

desenvolvimento econômico e conseqüentemente para com a qualidade de vida, e sobretudo com o Produto Interno Bruto – PIB, FIG., e o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, no qual predomina o valor de 0,749 considerado médio/alto.

5.2 Diagnóstico do terreno e seu entorno

Com localização privilegiada, o sítio, FIG. 36, situa-se na Avenida João Vaz Sobrinho-Trecho II, vulgo Avenida Sanitária, e na Rua Nossa Senhora do Carmo, na região central do município de Arcos em Minas Gerais, especificamente na zona de MANAP (Macrozona de Adensamento Não Prioritário) de uso Misto, podendo ser edificado construções residenciais e comerciais de até 75 metros de altura, com taxa de ocupação de 0,7 a 0,9 por cento, coeficiente de aproveitamento entre 17,5 e 22,5 e entretanto, o imóvel é de propriedade privada.

Figura 36: Localização do terreno (proposto para a Feira Livre) em estudo no município de Arcos/MG



Fonte: A autora, 2017.

O terreno proposto para a nova implantação da Feira Livre de Arcos, é bem valorizado no município, certamente devido a sua localização, fácil acesso ao centro comercial e aos demais bairros, além de estar localizado em uma avenida arterial e por possuir propriedades topografias consideravelmente acidentada (FIG. 37).

Figura 37: Vista frontal do terreno



Fonte: A autora, 2017.

O referido possui formato irregular e sua área totaliza aproximadamente 5.9252,51 m². Com características irregulares, o lote possui dois acessos, sendo estes feitos através da avenida arterial João Vaz Sobrinho, por conseguinte, caracterizada por alto e célere fluxos de veículos automotores, não obstante, esta via ainda acopla uma ciclo-faixa, além de um calçadão destinado a caminhada e a circulação de pessoas, entretanto, o outro acesso se dá pela Rua Nossa Senhora do Carmo, uma via coletora pavimentada em asfalto e que possui baixo índice de circulação de veículos.

Com análises topográficas realizadas no terreno, verifica-se que devido a sua grande extensão, o referido possui um considerável desnível topográfico. Ao analisar a face norte, FIG. 38, do objeto de estudo, verifica-se em primeiro plano a existência da via Nossa Senhora do Carmo, seguida por um lote vago, além de algumas vegetações. Sucessivamente cerca de uns 350 metros há a existência de uma ponte

que interliga o bairro Olaria ao Centro da cidade, e, não obstante, com a visão mais afunda, é possível ver algumas residências do referido bairro.

Figura 38: Zona Norte



Fonte: A autora, 2017.

Figura 39: Zona Leste



Fonte: A autora, 2017.

Já com o ponto de referência situado no lote em estudo e com a visão direcionada ao lado leste, FIG. 39, percebe-se primeiramente a via arterial seguida pela canalização do Córrego Biquinhas, mais adiante, vê-se um grande lote vago e seguidamente uma rua que liga ao bairro Vila Boa Vista e parte de algumas casas integrantes deste bairro, logo após, mais adiante, tem-se o bairro Buritis e suas residências, e uma extensa área verde, sem edificações.

Entretanto, e utilizando como referência à parte externa do lote, a parte sul, FIG. 40, do entorno em análise, é marcada em primeiro plano por algumas glebas de lotes não edificadas de propriedades privadas, e mais ao fundo, há a presença de uma pequena empresa, e mais adiante (com a marcação), é possível ver a cobertura onde funciona a atual Feira Livre de Arcos.

Figura 40: Zona Sul

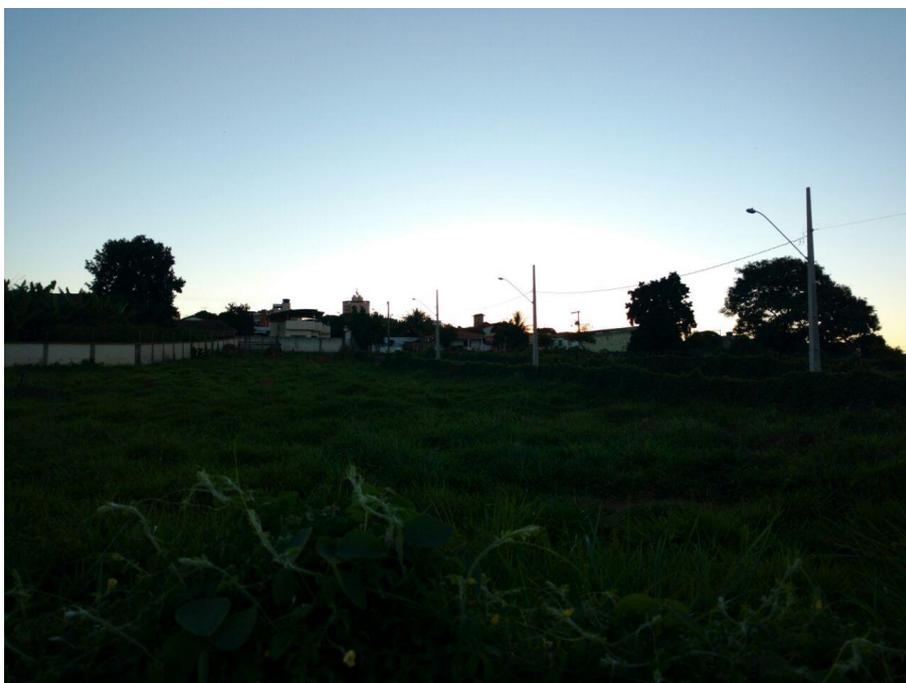


Fonte: A autora, 2017.

Contextualizando a zona oeste, FIG. 41, percebe-se primeiramente a existência de um muro residencial, além de diversas residências, e posteriormente vê-se a rua coletora Augusto Lara, além de alguns postes e vegetações. O lado oeste do lote em estudo, é caracterizado em sua maioria por suas casas familiares, de gabarito predominantemente baixo, cerca de 10 metros de altura, além de alguns pontos

comerciais e algumas prestadoras de serviços, logo após estas residências, já se inicia a parte comercial e central do município de Arcos.

Figura 41: Zona Oeste



Fonte: A autora, 2017.

Através de estudos e considerando as seguintes áreas em averiguação, apresenta-se o QUADRO 3, o tempo (aproximado) gasto²² para cada tipo de locomoção até os seguintes locais:

- Atual implantação da Feira Livre de Arcos;
- Centro Comercial de Arcos;
- Lote em estudo (para locação da Feira Livre).

²² O cálculo da relação tempo gasto entre as referidas áreas, foi realizado através do *software Google Earth/Maps* (2017).

Quadro 3: Relação tempo gasto entre as principais áreas em estudo

RELAÇÃO TEMPO GASTO				
Ponto de Partida	Destino Final	Distância aproximada (metros)	Tempo gasto (minutos) - Para automóveis - Aproximadamente	Tempo gasto (minutos) - A pé - Aproximadamente
Atual Feira Livre de Arcos	Lote em estudo	117,84 metros	1 minuto	2 minutos
	Centro Comercial de Arcos	555,33 metros	2 minutos	10 minutos
Lote em estudo	Atual Feira Livre de Arcos	117,84 metros	1 minuto	2 minutos
	Centro Comercial de Arcos	673,17 metros	2 minutos	11 minutos

Fonte: A autora, 2017.

5.3 Estudo de Mapas-síntese

Objetivando um diagnóstico mais completo sobre o terreno, foram realizados estudos urbanísticos que serão apresentados em formas de mapas, visando exemplificar as propriedades do lote conjuntamente com determinadas condições, entre elas: fluxos, acessos, pontos de iluminação, caracterização do uso do solo e diversos outros itens imprescindíveis para um bom planejamento arquitetônico e urbanístico.

Não obstante, a análise das propriedades bioclimáticas mostra-se um instrumento de extrema importância para a correta concepção projetual, evitando futuramente desconfortos e sobretudo gastos e adaptações desnecessárias na edificação. Deste modo, o estudo de variantes como insolação, ventilação dominante, arborizações e outros, serão do mesmo modo apontados neste capítulo.

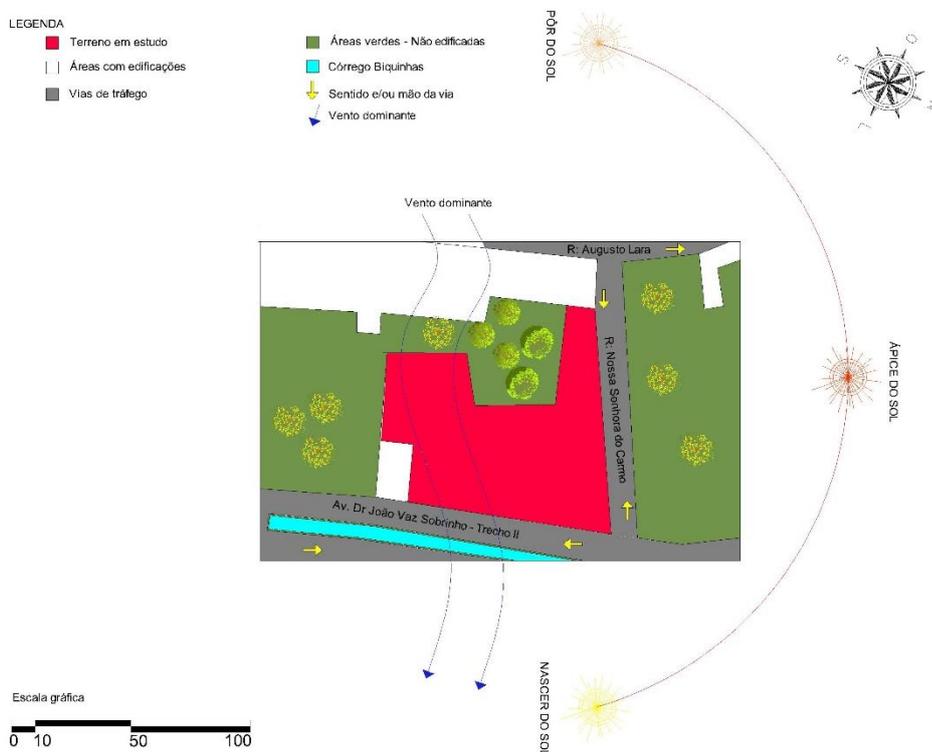
5.3.1 Mapa de Condições Bioclimáticas

Analisar as condicionantes bioclimáticas da área projetual, tornam-se parâmetros essenciais para a correta implantação da edificação, e conseqüentemente para a racional e adequada escolha dos materiais construtivos. Os dados geográficos como norte, foram obtidos *in loco* e através do *software "Google Earth/Maps"*.

Com a verificação da FIG. 42, e consubstanciado aos dados do CPTEC/INPE (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos/ Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), conclui-se que a ventilação dominante nesta área é oriunda do lado oeste sentido leste, e, não obstante, tem-se a disposição solar (para mais detalhes, ver Capítulo 9 - Apêndice, onde apresenta-se os estudos solares), exemplificando o

nascer, o ápice e pôr do sol em relação ao terreno em estudo, os acessos ao terreno são realizados pela Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho I ou pela Rua Nossa Senhora do Carmo.

Figura 42: Mapa das condicionantes climáticas do terreno em estudo

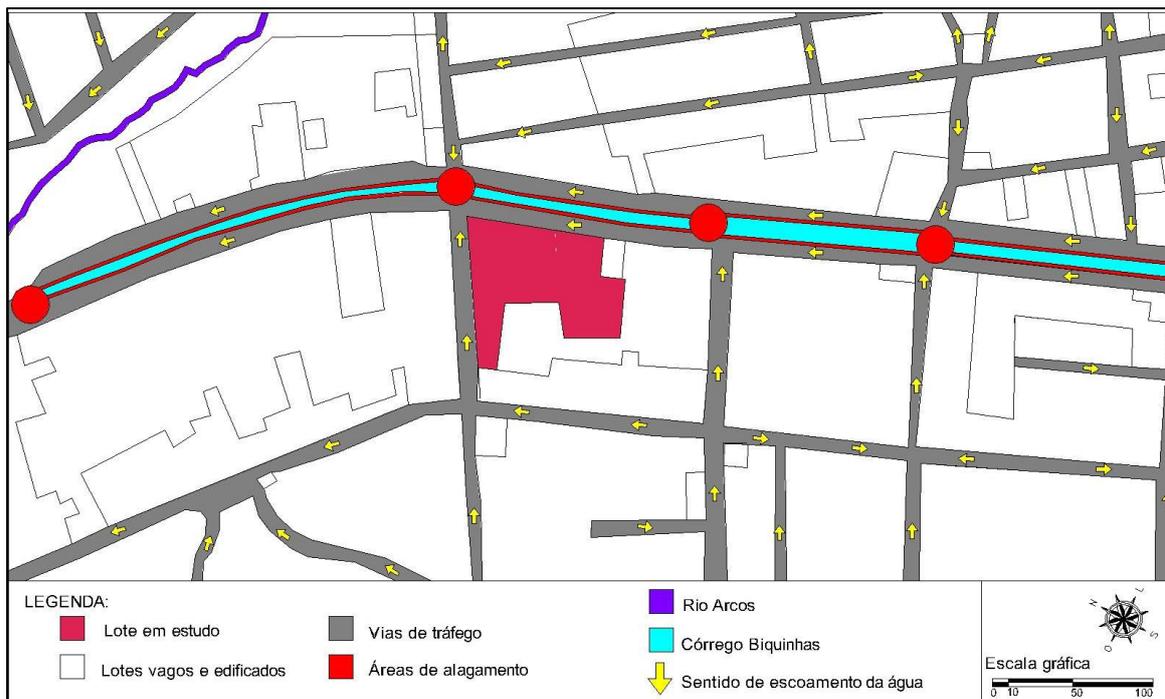


Fonte: A autora, 2017.

5.3.2 Mapa de Hidrografia e Drenagem

Com a averiguação deste, FIG. 43, percebe-se na Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho II, a canalização do Córrego Biquinhas, representado pela coloração azul ciano, entretanto, quando este chega nas imediações da Ponte do Olaria, ele desagua no Rio Arcos oriundo do Bairro Buritis (marcação roxa). Ainda com a análise do mapa, nesta área, é perceptível através da marcação em vermelho, as áreas de possíveis alagamentos, no entanto, as setas amarelas representam o fluxo de escoamento da água pluvial, que em sua maioria, é conduzida para a canalização da Avenida João Vaz Sobrinho.

Figura 43: Mapa de Hidrografia e de Drenagem



Fonte: A autora, 2017.

5.3.3 Mapa de Cheios e Vazios

Figura 44: Mapa de cheios e vazios



Fonte: A autora, 2017.

Verificando o mapa anterior, FIG. 44, de cheios e vazios, percebe-se que na extensão da Avenida João Vaz Sobrinho – Trecho II, possui alguns terrenos predominantemente sem edificação, qualificando-se através da coloração branca como vazios urbanos, não obstante, há também em regiões distintas, áreas classificadas como vazios. Entretanto, nota-se através da tonalidade preta, a marcação de locais considerados como cheios, ou seja, que possuem alguma edificação, já a cor em rosa escuro representa o terreno proposto para a edificação da Feira Livre, a coloração em rosa claro, simboliza o local da atual implantação da Feira Livre, em azul ciano o Córrego Biquinhas e em roxo o Rio Arcos.

5.3.4 Mapa de Áreas Verdes

Figura 45: Mapa de Áreas Verdes



Fonte: A autora, 2017.

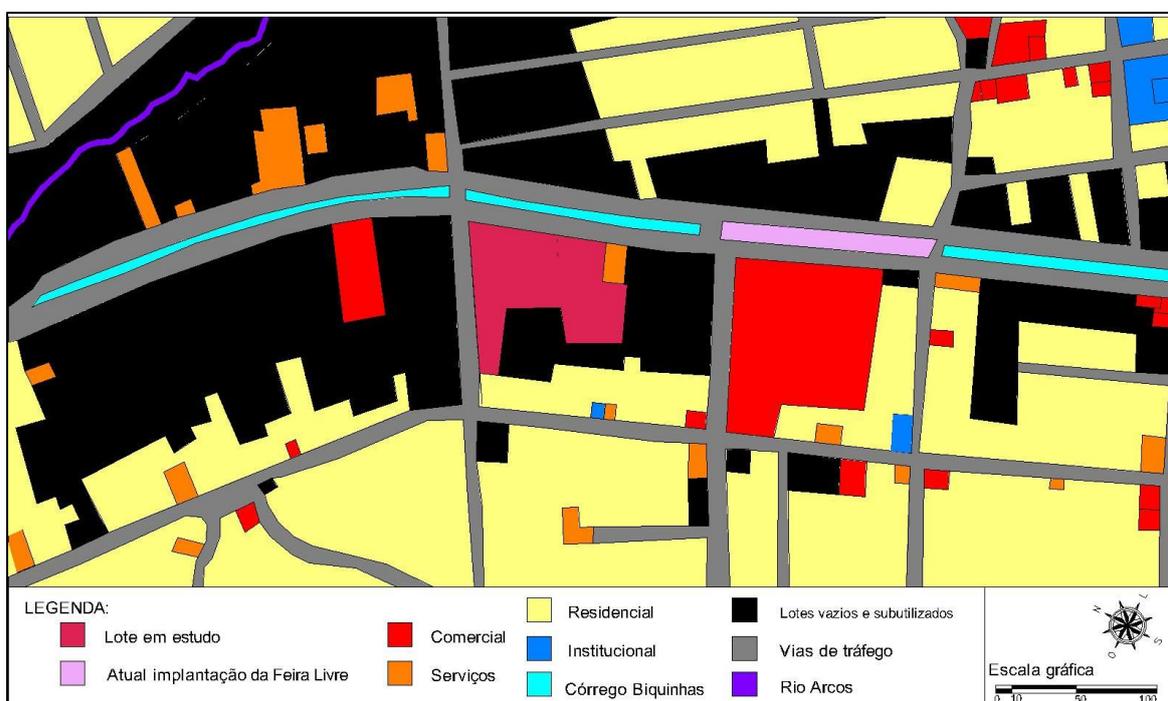
Com a análise do mapa anterior, FIG. 45, de áreas verdes, verifica-se que no entorno em estudo existem diversos lotes vazios e subutilizados, em sua maioria de domínios privados, tem-se uma pequena pracinha no bairro Vila Boa Vista, além de uma extensa área de preservação permanente próxima ao Rio Arcos, no bairro Buritis, não obstante, as áreas em coloração branca, representam locais com edificações, em

rosa escuro simboliza o lote em estudo, já em rosa claro a atual localização da Feira Livre, em azul ciano o Córrego Biquinhas e em roxo o Rio Arcos.

5.3.5 Mapa de Uso do Solo

Este mapa, FIG. 46, de uso do solo, objetiva analisar as áreas circundantes e suas utilizações, sendo estas classificadas em: residencial, comercial, institucional, serviços e lotes vazios e subutilizados. Com o diagnóstico do mesmo, percebe-se que na área em estudo predominam-se as residências, marcadas em nuances de amarelo, seguidamente por lotes vazios e subutilizados em cor preta, além de alguns comércios em tons vermelho, prestadoras de serviços em cor laranja e pouquíssimas áreas institucionais representadas pela cor azul.

Figura 46: Mapa do uso do solo



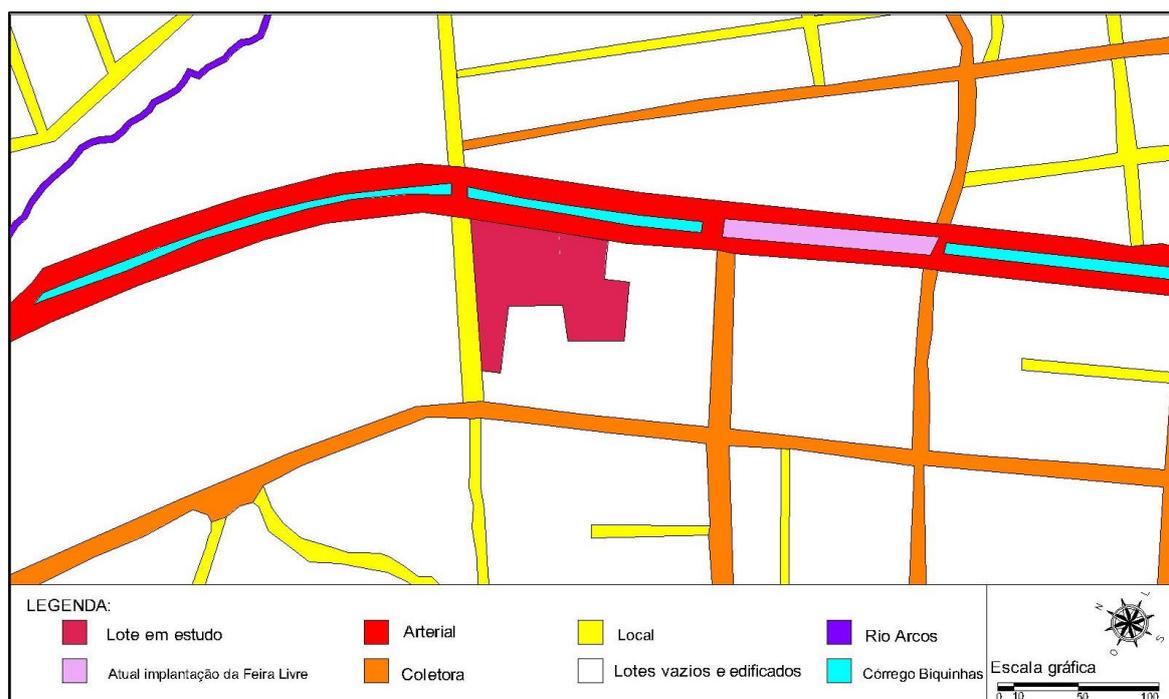
Fonte: A autora, 2017.

5.3.6 Mapa de Hierarquia Viária

Com a verificação do mapa de sistema viário, FIG. 47, percebe-se a existência da Avenida arterial João Vaz Sobrinho – Trecho II (em cor vermelho), sendo a principal via que interliga as zonas norte, sul, leste, oeste do município, além de algumas vias

coletoras (em tons de laranja) que interligam bairro a bairro, e bairro a centro, e tanto quanto (em cor amarela) algumas vias locais, comumente internas ao bairro. Não obstante, e complementando o estudo, em rosa escuro, representa o terreno proposto para a concepção da Feira Livre, em cor rosa claro, a o atual espaço da Feira Livre, e em tonalidade branco, em azul ciano, o percurso do Córrego Biquinhas, em roxo o Rio Arcos e em branco os lotes edificadas e não edificadas e/ou subutilizadas.

Figura 47: Mapa de Hierarquia Viária

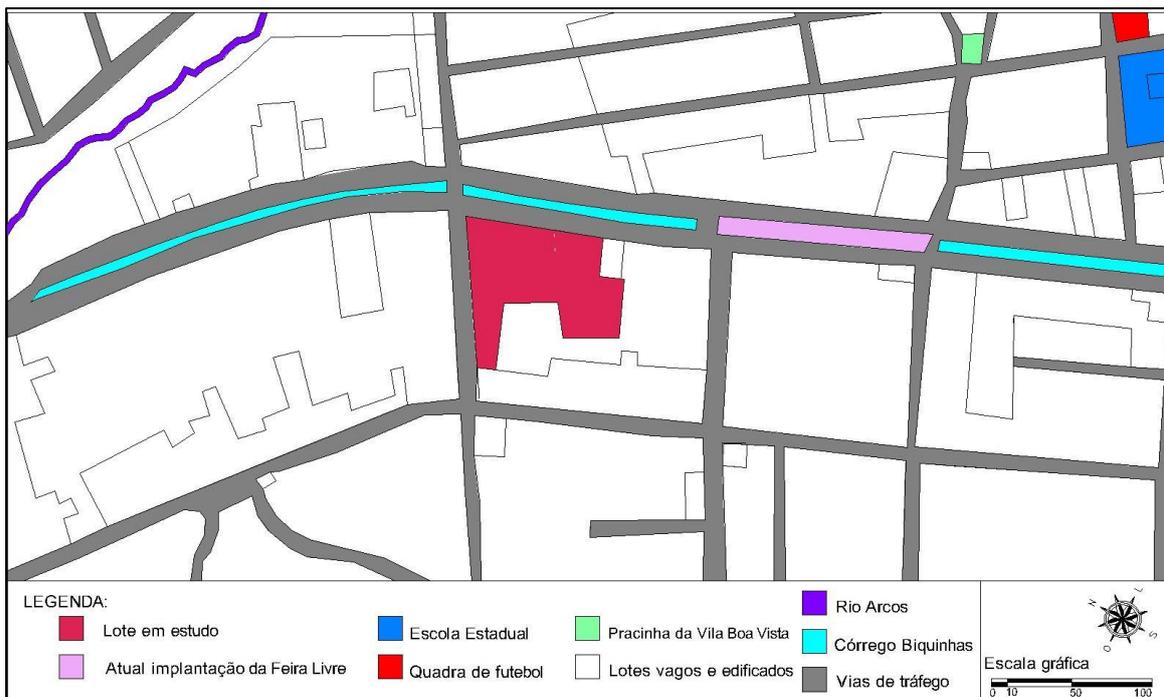


Fonte: A autora, 2017.

5.3.7 Mapa de Equipamentos Urbanos

Com a averiguação do mapa de equipamentos urbanos, FIG. 48, percebe-se que na área em estudo existe (em marcação azul), a Escola Estadual da Vila Boa Vista, seguidamente tem-se em cor vermelha uma quadra pública pertencente a referida escola, e, não obstante, em verde, tem-se a pequena “Pracinha da Vila Boa Vista”. As demais colorações, representam outros pontos em estudo, em rosa claro a atual implantação da Feira Livre, em cor rosa escuro, o lote em estudo, em azul ciano o Córrego Biquinhas, em roxo o Rio Arcos e finalizando, em nuances de branco são lotes edificadas e não edificadas e/ou subutilizadas.

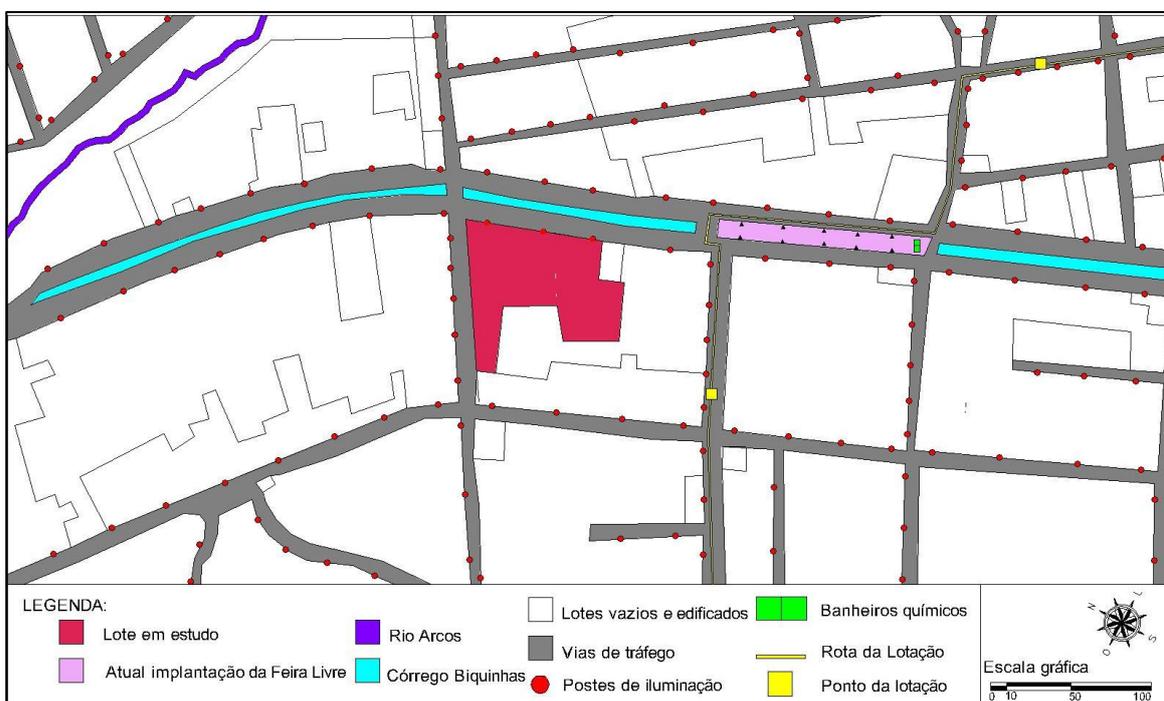
Figura 48: Mapa de Equipamentos Urbanos



Fonte: A autora, 2017.

5.3.8 Mapa de Mobiliário Urbano

Figura 49: Mapa de Mobiliário Urbano



Fonte: A autora, 2017.

Neste mapa anterior, FIG. 49, verifica-se a distribuição dos pontos de iluminação pública simbolizado pela “bolinha” vermelha, no quais em determinados locais, estes não seguem uma distância proporcional. Neste mesmo raciocínio, as colorações em azul ciano representam o Córrego Biquinhas, em roxo o Rio Arcos em rosa escuro o lote em estudo, em rosa claro a atual implantação da Feira Livre,

A linha em amarelo simboliza a rota feita pela lotação, os quadrados em amarelo, são referentes aos pontos da lotação, e em branco simbolizam as áreas edificadas e lotes vagos, entretanto, foi verificado que a região em estudo, é desprovida de determinados mobiliários urbanos, como: telefones públicos, lixeiras e similares, exceto, no local onde funciona a Feira Livre, que existe espalhadas pelo local, além de dois banheiros químicos.

5.3.9 Mapa de Gabaritos

Figura 50: Mapa de gabaritos



Fonte: A autora, 2017.

No mapa anterior, FIG. 50, referente aos gabaritos, observa-se as alturas das edificações, sendo estas em sua maioria caracterizadas por construções de 01 a 02

pavimentos, representa pela cor azul claro, não obstante, há algumas edificações gabaritadas de 03 a 05 pavimentos, sendo estas as de coloração azul piscina.

6. PROPOSTA PROJETUAL

Neste serão exemplificados o programa de necessidades da Feira Livre, os departamentos e áreas necessárias para o coordenado e bom funcionamento do local, além de seguidamente, elucidar através de um organograma, FIG. 53, a setorização dos ambientes, e o fluxograma FIG. 54, Os fluxos e os traçados internos e externos do projeto em questão.

6.1 Programa de necessidades

Setor de serviços externos

- Guarita e monitoramento:
 - Banheiro
 - Cancelas para controle de veículos
- Estacionamento:
 - Veículos de pequeno porte
 - Motocicletas
 - Lixeiras espalhadas

Setor de serviços internos

- Depósito de material de lixo - DML
- Depósito
- Sala de administração/diretoria
- Enfermaria

Setor da Praça de Alimentação

- Quiosques de alimentos, hortifrúti e artesanato

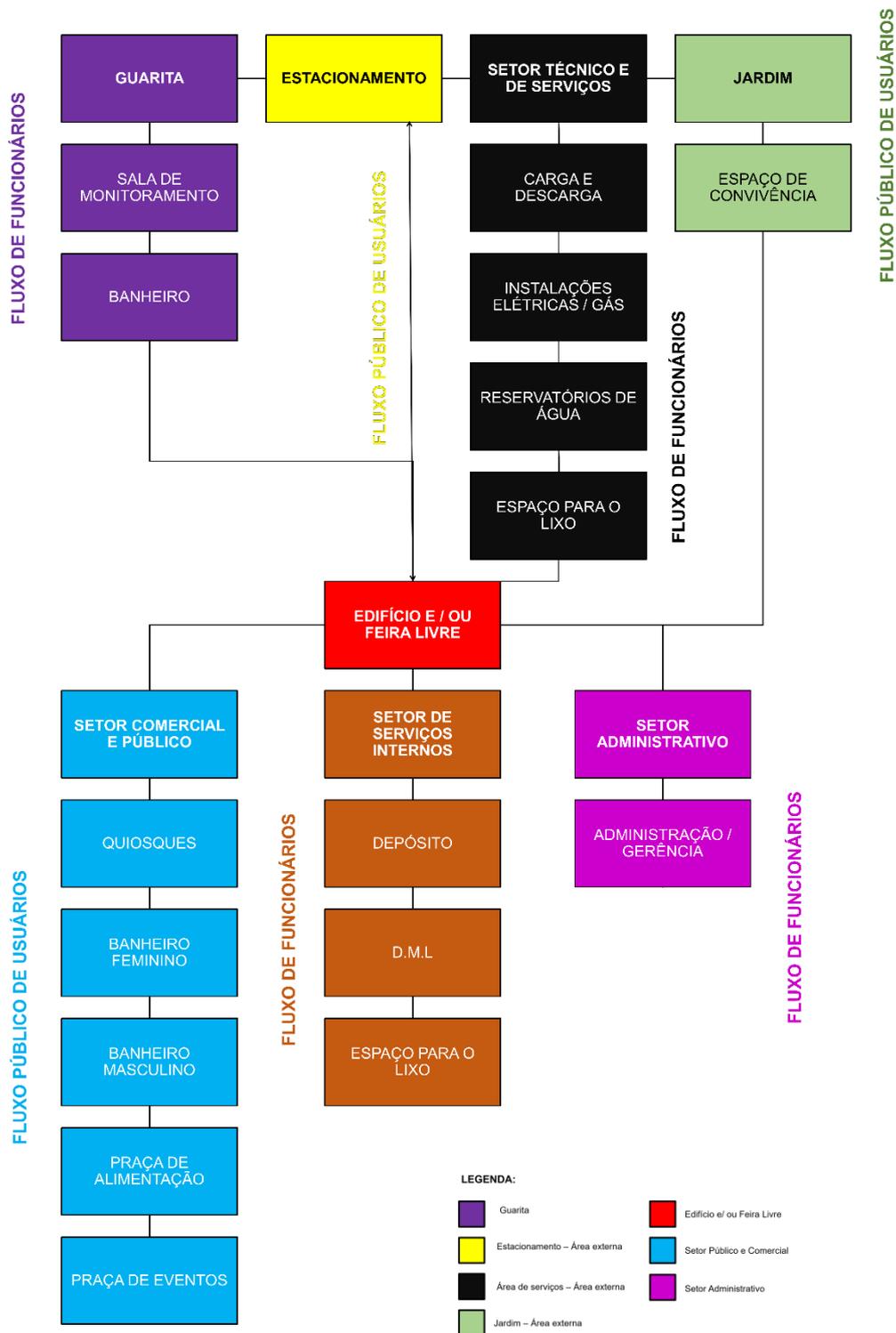
- Espaço destinado a Praça de Alimentação
- Banheiro Feminino
- Banheiro Masculino
- Área de eventos/Palco para shows
 - Lixeiras espalhadas

Setor Técnico

- Área destinada ao depósito final do lixo
- Reservatório de água
- Instalações elétricas e de gás
- Carga e descarga

6.2 Organograma da Feira Livre

Figura 51: Organograma da Feira Livre



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho, buscou-se investigar a historicidade da Feira Livre de Arcos, sua importância no município e sociedade e sobretudo contextualizar a sua atual implantação arquitetônica, urbanística e espacial. Trata-se de um local caracterizado não somente por relações econômicas, mas também por ser um ambiente de lazer e entretenimento para considerável parcela da população arcoense.

Conclui-se que uma adaptação no local não seria a melhor solução, devido a mesma estar inserida sobre a canalização de um rio, em meio a duas avenidas arteriais de trânsito rápido, desprovida de acessibilidade, de determinadas infraestruturas e entre outros parâmetros.

Neste contexto, com base nos estudos e diagnósticos realizados, levanta-se a proposta de realocação e/ou a concepção de um espaço propício para a Feira Livre de Arcos, aliando preceitos sociais, legislativos, arquitetônicos e urbanísticos na estruturação do novo espaço proporcionando condições adequadas para os feirantes, aumento na quantidade e variedade de produtos e quiosques, flexibilidade nos horários, lugar fixo e de fácil acessibilidade para o empreendimento e para os transeuntes, além de idealizar um espaço de lazer para a sociedade arcoense, resgatando e valorizando os aspectos de identidade, cultura e imagem das mesmas dentro de um contexto urbano.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro. **FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Social do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009. Disponível em: <<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/teses/fazendo-a-feira.pdf>> Acesso em 05 de abr. 2017.

ARCOS. Minas Gerais. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Arcos. 2014. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=310420>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ARCOS. Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Obras. Lei Municipal 2.100 de 09/10/06 – Plano Diretor de Desenvolvimento do Município de Arcos**. 2006, 36 p.

ARCOS. Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Obras. Lei Municipal 2.403 de 08/04/11 – Normas e condições para o parcelamento, ocupação e uso do solo urbano no Município de Arcos**. 2011, 45 p.

ARCOS. Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Obras. Lei Municipal 2.758 de 11/12/2015 – Normas e condições para parcelamento, ocupação e uso do solo urbano do Município de Arcos**. 2015, 5 p.

ARQUIBRASIL. **Arquitetura Neoclássica**. Disponível em: <<https://arquibrasil.wordpress.com/arquitetura-neoclassica/>> Acesso em 10 abr. 2017.

ARQBOX. **Concurso para o Mercado Público de Blumenau**. 2007. Disponível em: <<http://www.studioarqbox.com/br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WR3XFMZv-M9>> Acesso em: 30 abr. 2017.

AU PINI.CASTRO. Fato e opinião. **O que é espaço público**. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>> Acesso em: 02 abr. 2017.

Avenida Olinto Fonseca – Década de 1960. Disponível em: < Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=310420> Acesso em: 10 abr. 2017.

BARRETO, Lázaro. **História de Arcos**. Arcos: Prefeitura Municipal de Arcos, 1992. 221 p.

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução CNNPA nº 33, de 9 de novembro de 1977**. 1977. ANVISA. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/anvisa/legis/resol/33_77.htm>. Acesso em: 30 abr. 2017.

BOECHAT, Patrícia Teresa Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima dos. **Feira Livre: Dinâmicas espaciais e relações indenitárias**. 2009. 11 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Universidade Estadual da Bahia, Bahia, 2009. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2p.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2017.

BRASIL. NBR 9050/2015. Norma Brasileira. **Acessibilidade à edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**: ABNT 9050. 2015. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/sheyqueiroz/nbr-905004-acessibilidade-a-edificaes-mobilirio-espacos-e-equipamentos-urbanos>> Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. NBR 9077/2001. Norma Brasileira. **Saídas de emergências em edifícios**: ABNT 9077. 2001. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/douglas_matos/nbr-9077-2001?qid=35b5e1c7-d6e1-4a0d-8f90-2369195ae13b&v=&b=&from_search=1> Acesso em: 12 mai. 2017.

BRASIL. CENTRAL PREDIAL DE GÁS LIQUEFEITO DE PETRÓLEO. **Central predial de gás liquefeito de petróleo**: ABNT 13.523. 1995. Disponível em: <http://www.servicerio.com.br/wp-content/uploads/2016/02/NBR_13523_Central_predial_GLP.pdf> Acesso em: 13 mai. 2017.

CAVEDON, Neusa Rolita. **Pode chegar fregûes: A cultura organizacional do Mercado Público de Porto Alegre**. APERGS: PROPESQ/UFRGS, Porto Alegre, v. 11, n. 29, p.173-189, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v11n29/10.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 201.

Centro de Arcos – Década de 1970. Disponível em: < Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=310420> Acesso em: 10 abr. 2017.

CENTRO DE PREVISÃO DE TEMPO E ESTUDOS CLIMÁTICOS – INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Arcos, Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.cptec.inpe.br/cidades/tempo/606>> Acesso em: 15 abr. 2017.

CONSTITUIÇÃO. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988, Câmara dos Deputados. Constituição (1988).

COVENT GARDEN LONDON. **Heritage. History of the Market Bulding**. Disponível em: <<https://www.coventgarden.london/>> Acesso em: 30 abr. 2017.

CONVENT GARDEN MARKET – LONDON IN ENGLAND. **Market history**. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.coventmarket.com/history/&prev=search>> Acesso em: 30 abr. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – DICIO. **Hall**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hall/>> Acesso em 20 mar. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – DICIO. **Mezanino**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mezanino/>> Acesso em 20 mar. 2017.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS – DICIO. **Torreão**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/torreao/>> Acesso em 20 mar. 2017.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Diefel, 1992. 328p.

Estruturação da cobertura verde. Disponível em: <<http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/16/1-telhado-verde-cobertura-de-edificacoes-com-vegetacao-requer-260593-1.aspx>> Acesso em: 28 mai. 2017.

Fachada do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente. Disponível em: <<http://www.belo Horizonte.mg.gov.br/compras/feiras-e-mercados/mercado-central-parada-obrigatoria-no-centro-da-capital-mineira>> Acesso em 02 abr. 2017.

Fachada principal do Mercado Público de Blumenau. Disponível em: <<http://www.studioarqbox.com.br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WTAf1MZv-M8>> Acesso em: 04 abr. 2017.

FERNANDES, A. C. **Metodologias de Avaliação da Qualidade dos Espaços Públicos**. 2012. Trabalho de Conclusão de curso (Mestrado em Engenharia Civil – Especialização em Planejamento) - Faculdade de Engenharia Universidade do Porto-FEUP. Portugal, 2012. 191 p. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68407/1/000154929.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

FILGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro. **Do mercado popular ao espaço de vitalidade: O Mercado Central de Belo Horizonte**. 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/BeatrizSilveiraCastroFilgueiras.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Implantação do Covent Garden Market. Disponível em: <<http://mappinglondon.co.uk/2014/covent-garden/>> Acesso em: 04 abr. 2017

Implantação do Mercado Central de Belo Horizonte atualmente. Disponível em <<https://www.google.com.br/maps/place/Mercado+Central+de+Belo+Horizonte/@-19.9229019,-43.9452605,17z/data=!4m5!3m4!1s0xa699e2031e3d03:0x8e6ca6c58d640160!8m2!3d-19.922907!4d-43.9430718?hl=pt-BR>> Aceso em: 30 mar. 2017.

Implantação do Mercado Público de Blumenau (Proposta). Disponível em: <<http://www.studioarqbox.com.br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WTAf1MZv-M8>> Acesso em: 04 abr. 2017.

Implantação do Mercado Público de Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=18> Acesso em 02 abr. 2017.

Instalação da cobertura .Disponível em:

<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=18>
Acesso em 02 abr. 2017.

Interior do Mercado Público de Blumenau (Proposta). Disponível em:

<<http://www.studioarqbox.com.br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WTAf1MZv-M8>> Acesso em: 04 abr. 2017.

INTERVENÇÃO. In: ENCICLOPÉDIA **Itaú Cultural** de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em:

<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 28 de Mar. 2017. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

IT – 02: Terminologia de proteção contra incêndio e pânico. Minas Gerais.

Disponível em:

<http://www.bombeiros.mg.gov.br/images/stories/dat/it/it_02_terminologia_de_protecao_contra_incendio_e_panico.pdf> Acesso em: 10 fev. 2017.

IT – 08/2017: Saídas de emergências em edificações. Minas Gerais. Disponível em:

< http://www.bombeiros.mg.gov.br/images/stories/dat/it/it_08_2017_2_ed_-_portaria_26_-_31jan2017.pdf> Acesso em 12 mar. 2017.

IT – 17: Sistema de hidrantes e mangotinhos para combate a incêndio. Minas Gerais. Disponível em:

<http://www.bombeiros.mg.gov.br/images/stories/dat/it/it_17_sistema_de_hidrantes_e_mangotinhos_para_combate_a_incendio.pdf> Acesso em: 10 fev. 2017.

IT – 23: Manipulação, armazenamento, comercialização e utilização de gás liquefeito de petróleo (GLP). Minas Gerais. Disponível em: <

<http://www.bombeiros.mg.gov.br/images/stories/dat/it/it-23%20-%202a%20edicao.pdf>> Acesso em 13 mar. 2017.

JANUZZI, Denise de Cássia Rosseto; REZENTE, Nestor. **Intervenções urbanas em áreas deterioradas**. Londrina, v.28, n. 2, p. 147-154, jul./dez. 2007.

JUSBRASIL. Artigos. **Diferença entre o espaço público, privado e acessível ao público**. Disponível em:

<<https://emiliopuime.jusbrasil.com.br/artigos/112339069/diferencas-entre-espaco-publico-privado-e-acessivel-ao-publico>> Acesso em: 02 abr. 2017.

LAJE NERVURADA. Disponível em: <https://www.aecweb.com.br/cont/m/rev/lajes-nervuradas-garantem-economia-a-construcao_11026_0_1> Acesso em: 28. mai. 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade: A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes LTDA, 2011. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.

LIMA, Anna Erika Ferreira; SAMPAIO, José Levi Furtado. **Na feira a gente encontra de tudo...Aspectos da formação espacial da feira-livre de Abaiara – Ceará**. Ceará. 2008. Disponível em

<<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Anna%20Erika%20Ferreira%20Lima.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2017.

LIMA, Tiago Charles de; CÂMARA, Talita Marinho da. **Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RN**. 2008. Disponível em: <<http://congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNAPI2010/paper/viewFile/1566/797>> Acesso em: 04 abr. 2016.

MAPPING LONDON - O'BRIEN, Ollie; CHESHIRE, James. **Covent Garden**: Covent Garden. 2014. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://mappinglondon.co.uk/2014/covent-garden/&prev=search>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

MERCADO CENTRAL – BELO HORIZONTE. O mercado. **Sobre**. Disponível em: <<http://mercadocentral.com.br/>> Acesso em: 10 fev. 2017.

Mercado Público de Porto Alegre atualmente .Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=18> Acesso em 02 abr. 2017.

Mercado Público de Porto Alegre – Século XIX. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=4> Acesso em 02 abr. 2017.

NEVES, Daniel. Turismo em Londres: **Covent Graden Market**. 2014. Disponível em: <<http://oviajantecomilao.blogspot.com.br/2014/01/turismo-em-londres-covent-garden-market.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

Pavimento térreo e projeção do segundo piso. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=18> Acesso em: 03 abr. 2017.

Planta baixa do Covent Garden Market (Meados de 1830). Disponível em: <<http://www.coventmarket.com/history/>> Acesso em: 04 abr. 2017

Planta baixa do Térreo e seguidamente do Mezanino. Disponível em: <<http://www.studioarqbox.com/br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WTAf1MZv-M8>> Acesso em: 04 abr. 2017.

Planta Baixa – Mercado Central de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://mercadocentral.com.br/lojas/>> Acesso em: 30 mar. 2017.

Planta Baixa Mezanino. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=34> Acesso em: 03 abr. 2017.

Planta Baixa – Térreo. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/default.php?p_secao=34> Acesso em: 03 abr. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARCOS, MINAS GERAIS. Prefeitura. **Arcos**. Disponível em: < <http://www.arcos.mg.gov.br/>> Acesso em: 20 mar. 2017.

Project for Public Spaces. Disponível em:<www.pps.org/>. Acesso em: 19 abr. 2017.

Projeto do Covent Garden Market por Charles Fowler (Meados de 1830). Disponível em: <<http://www.coventmarket.com/history/>> Acesso em: 04 abr. 2017.
PORTAS, N. Interpretazioni del progetto urbano. L'emergenza del progetto urbano. Rev. Urbanística, n.110, p.51-60, 1998.

PORTO ALEGRE. **Mercado Público de Porto Alegre**. Disponível em: < <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/mercadopublico/>> Acesso 13 de mar. 2017.

PUIME, Emílio. **Diferenças entre espaço público, privado e acessível ao público: Diferenças entre espaço público, privado e acessível ao público**. 2014. Disponível em: <<https://emiliopuime.jusbrasil.com.br/artigos/112339069/diferencas-entre-espaço-publico-privado-e-acessivel-ao-publico>> Acesso em: 12 abr. 2017.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIER, Alexandre de Pádua; SOARES, Ari de Souza. **Territorialidade e identidade nas organizações: Caso do Mercado Central de Belo Horizonte**. Adm. Mackenzie, São Paulo, p.97-126, 03 jan. 2011. Mensal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v15n2/v15n2a05.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2017.

Setorização do Covent Garden Market – Nível Mezanino. Disponível em: <<http://www.coventmarket.com/merchant-map/>> Acesso em: 04 abr. 2017.

Setorização do Covent Garden Market – Nível principal. Disponível em: <<http://www.coventmarket.com/merchant-map/>> Acesso em: 04 abr. 2017.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da et al. **Os espaços de lazer na cidade: Significados do lugar**. Belo Horizonte, v. 15, p.02-19, 02 jun. 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prpq/images/revistalicere/licerev15n02_ar1.pdf> Acesso em: 02 mai. 2017.

SILVA, Laura Moraes. **Salão irmandade Nossa Senhora do Rosário: SALÃO IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**. 2014. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário de Formiga - UNIFOR - MG, Formiga, 2014.

SUNCALC. Disponível em: <<http://suncalc.net/#/27.6648,-81.5158,3/2017.06.02/01:08>> Acesso em: 20 abr. 2017.

COBERTURA VERDE. Disponível em: <<http://infraestruturaurbana.pini.com.br/solucoes-tecnicas/16/1-telhado-verde-cobertura-de-edificacoes-com-vegetacao-requer-260593-1.aspx>> Acesso em: 28 mai. 2017.

TURISMO EM LONDRES – COVENT GARDEN MARKET. **Covent Garden Market**. Disponível em: <<http://oviajantecomilao.blogspot.com.br/2014/01/turismo-em-londres-covent-garden-market.html>> Acesso em: 30 abr. 2017.

Uma das fachadas do Mercado Público de Blumenau. Disponível em: <<http://www.studioarqbox.com.br/projetos/arquitetura-concursos/mercado-publico-de-blumenau#.WTAf1MZv-M8>> Acesso em: 04 abr. 2017.

VARGAS, Heliana Comim; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, estratégias e resultados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2006. 45 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=G-kmCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=vargas+e+castilho&ots=L_Jw39Jjd7&sig=jLQ3PVQNNXEFOTE4zbvCMV2VrC0#v=onepage&q=vargas+e+castilho&f=false>. Acesso em: 28 mar. 2017.

Vista aérea Covent Garden Market atualmente. Disponível em: <<http://oviajantecomilao.blogspot.com.br/2014/01/turismo-em-londres-covent-garden-market.html>> Acesso em: 11 abr. 2017.

Vista aérea Covent Garden Market em 1953. Disponível em: <<http://www.coventmarket.com/history/>> Acesso em: 04 abr. 2017.

Vista aérea do Mercado Central – Parque Raul Soares em 1946. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/luciafarialima/bh-antigamente>> Acesso em: 30 mar. 2017.